

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ALINE SARMENTO ALBINO DA SILVA

**MEDIAÇÃO CULTURAL DA INFORMAÇÃO:**  
UMA ANÁLISE DAS MÚSICAS DE RAP DE DUQUESA

NATAL  
2025

ALINE SARMENTO ALBINO DA SILVA

**MEDIAÇÃO CULTURAL DA INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS MÚSICAS DE  
RAP DE DUQUESA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Patrícia Silva Moura

NATAL

2025



Esta obra está licenciada com uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional. Permite que outros distribuam, remixem, adaptem e desenvolvam seu trabalho, mesmo comercialmente, desde que creditem a você pela criação original. Link dessa licença: [creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte -  
UFRN Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro Ciências Sociais  
Aplicadas - CCSA

Silva, Aline Sarmiento Albino da.

Mediação cultural da informação: uma análise de músicas de Rap de Duquesa / Aline Sarmiento Albino da Silva. - Natal, 2025. 62f.: il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Curso de Biblioteconomia. Natal, RN, 2025.

Orientação: Profa. Me. Ana Patrícia Silva Moura.

1. Mediação da informação - Monografia. 2. Mediação cultural - Monografia. 3. Rap - Monografia. 4. Cultura periférica - Monografia. 5. Duquesa - Monografia. I. Moura, Ana Patrícia Silva. II. Título.

RN/UF/Biblioteca CCSA

CDU 025.5

ALINE SARMENTO ALBINO DA SILVA

MEDIAÇÃO CULTURAL DA INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS MÚSICAS DE  
RAP DE DUQUESA

Monografia apresentada ao curso de graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel(a) em Biblioteconomia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Ma. Ana Patrícia Silva Moura  
Orientadora  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

---

Profa. Dra. Gabrielle Francinne Carvalho de Souza Carvalho Tanus  
Membro interno  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

---

Profa. Dra. Patrícia Ladeira Penna Macêdo  
Membro interno  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres e artistas que, assim como eu, resistem e buscam transformar o mundo com sua existência, sua arte e sua voz.

A quem veio antes e não teve a chance de escrever sua própria história.

A cada mulher que ousa existir fora dos moldes.

Às que enfrentam o silêncio com palavras, que transformam dor em criação e fazem da arte um abrigo.

A quem caminhou comigo nos momentos de dúvida, silêncio e coragem.

A este caminho que escolhi trilhar, onde a rua encontra a universidade, onde o verso é também conhecimento e onde ser, por si só, é um ato político.

E, especialmente, à música, que me salvou, me ensinou e me fez acreditar que o conhecimento também nasce nas nossas ruas, nas batidas e nas rimas.

Este trabalho é por nós e para nós.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço à arte, à música e ao rap, que transformaram minha vida de maneira profunda. São parte de mim, me acompanham nos momentos mais difíceis e mais luminosos, e me ajudaram a compreender quem sou e tudo o que posso ser. Através deles, encontrei força, identidade e voz.

Sou profundamente grata às minhas parcerias de vida, que caminharam comigo com afeto, escuta e coragem. A minha querida amiga Ádila Santos, Sarah Oliver, à parceira de turma Geanny Beatriz, a essas por cada palavra de incentivo, cada gesto de apoio e por nunca deixarem que eu me esquecesse do meu valor e do propósito desta jornada.

Agradeço também aos meus pais, que com amor, dedicação e exemplo, me ensinaram que o conhecimento é um caminho de liberdade e autonomia, e que mesmo em meio aos desafios, vale a pena acreditar nos nossos sonhos.

Por fim, um agradecimento muito especial à minha orientadora, Ana Patrícia, por sua paciência, generosidade e sensibilidade durante todo esse processo. Seu cuidado foi essencial para que este trabalho se concretizasse com integridade, reflexão e potência.

Estendo também meu agradecimento à banca avaliadora, pela disponibilidade, pela leitura generosa e pelas contribuições críticas e sensíveis a esta pesquisa. A presença de vocês neste momento final dá ainda mais significado a todo o percurso.

A cada um e a cada uma que, de alguma forma, atravessou esse caminho comigo: meu coração diz um sincero muito obrigado.

Eu tenho algumas fãs formadas querendo  
ser igual a mim  
Disseram que eu estrago elas, mas eu  
devolvo autoestima  
Queriam te assistir chorando, mas vão ter  
que te ver rica

(Duquesa, 2024, *n.p.*)

## RESUMO

Esta pesquisa científica propõe uma reflexão sobre o papel do rap como ferramenta de mediação cultural da informação, a partir da obra da artista Duquesa. Parte-se do pressuposto de que o acesso à informação não se resume à sua disponibilidade técnica, mas envolve processos de mediação que possibilitam apropriação, ressignificação e transformação social, sobretudo em contextos marcados por desigualdades. A pesquisa tem como problema central compreender de que forma o rap pode atuar como mediador cultural da informação em contextos de vulnerabilidade social, com base nas experiências e narrativas de mulheres negras e periféricas. O objetivo geral foi analisar como o rap, por meio das músicas da artista Duquesa, opera como instrumento de mediação cultural da informação e transformação social. Como objetivos específicos, buscou-se: Apontar elementos que evidenciem vivências e opressões no âmbito do rap; Elencar os prêmios e ações protagonistas da artista Duquesa; Evidenciar como o rap pode contribuir como promotor da tomada de consciência das mulheres. Para isso, foram analisadas quatro faixas do álbum Taurus, Vol. 2 (2024): “Ela (Intro)”, “Big D!!!! Pt. 2”, “Vermelho e Preto” e “Voo 1360”. A metodologia adotada combinou pesquisa documental e análise de conteúdo, com abordagem qualitativa. Os resultados demonstram que Duquesa transforma vivências pessoais e coletivas em narrativas artísticas potentes, promovendo a visibilidade de saberes e experiências historicamente marginalizadas. Ao articular afetividade, empoderamento, resistência e ancestralidade, sua obra contribui para a democratização da informação e a construção de identidades no campo da cultura popular. Conclui-se que o rap, enquanto linguagem e prática social, constitui um espaço legítimo de mediação da informação, de resistência política e de produção de conhecimento, ampliando os horizontes da Biblioteconomia e na Ciência da Informação em direção às periferias e suas formas de expressão.

**Palavras-chave:** Mediação da informação. Mediação cultural. Rap. Cultura periférica. Duquesa.

## ABSTRACT

This scientific research proposes a reflection on the role of rap as a tool for the cultural mediation of information, based on the work of artist Duquesa. It is based on the assumption that access to information is not limited to its technical availability, but involves mediation processes that enable appropriation, resignification, and social transformation, especially in contexts marked by inequality. The central problem of the research is to understand how rap can act as a cultural mediator of information in contexts of social vulnerability, based on the experiences and narratives of Black and peripheral women. The general objective was to analyze how rap, through the songs of artist Duquesa, operates as an instrument for the cultural mediation of information and social transformation. Specific objectives include: Identifying elements that highlight experiences and oppression within rap; Listing the awards and actions of artist Duquesa; Highlighting how rap can contribute to promoting women's awareness. To this end, four tracks from the album *Taurus, Vol. 2* (2024) were analyzed: "Ela (Intro)," "Big D!!!! Pt. 2," "Vermelho e Preto," and "Voo 1360." The methodology adopted combined documentary research and content analysis with a qualitative approach. The results demonstrate that Duquesa transforms personal and collective experiences into powerful artistic narratives, promoting the visibility of historically marginalized knowledge and experiences. By articulating affectivity, empowerment, resistance, and ancestry, her work contributes to the democratization of information and the construction of identities in the field of popular culture. It is concluded that rap, as a language and social practice, constitutes a legitimate space for information mediation, political resistance, and knowledge production, expanding the horizons of Library Science and Information Science toward the peripheries and their forms of expression.

**Keywords:** Information mediation. Cultural mediation. Rap. Black feminism. Duquesa.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 –</b>	Capa do Álbum <i>Taurus</i> Vol. 2, da rapper Duquesa.....	21
<b>Figura 2 –</b>	Rapper Duquesa em premiações.....	23
<b>Figura 3 –</b>	Rapper Duquesa performando em show.....	24

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> –	Objetivos específicos e métodos.....	36
<b>Quadro 2</b> –	Discografia de Duquesa e álbuns.....	38
<b>Quadro 3</b> –	Ranking das músicas mais ouvidas do Albúm <i>Taurus</i> , vol 2.....	39

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 O PROTAGONISMO DE DUQUESA NO ÂMBITO DO RAP .....	22
<b>2 MEDIAÇÃO CULTURAL DA INFORMAÇÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>3 RAP E GÊNERO.....</b>	<b>30</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>33</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	36
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>38</b>
5.1 ELA (INTRO).....	43
5.2 BIG D!!!! PT. 2.....	45
5.3 VERMELHO E PRETO.....	47
5.4 VOO 1360.....	50
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O acesso à informação se apresenta como uma ação que envolve um trabalho árduo, coletivo e histórico para democratizar o conhecimento. Mas só ter a informação disponível não basta, é importante pensar como ela chega até nós. Isso envolve os suportes, os métodos e os meios de comunicação que se transformam à medida que a sociedade evolui, acompanhando as novas demandas informacionais e alterando as formas de interação com o saber. Nesse cenário, a mediação cultural ganha destaque como um elemento central no campo da Biblioteconomia e na Ciência da Informação, integrando práticas culturais e tecnológicas, expandindo suas fronteiras.

A mediação cultural pode ser entendida como um processo de construção de sentidos que ocorre nas interações entre sujeitos, linguagens e contextos sociais, sendo fundamental para promover o acesso à informação e à cultura. Nesse contexto, a mediação cultural assume um papel ainda mais relevante, pois atua como um processo que não apenas facilita o acesso, mas também promove a compreensão crítica e a apropriação da informação. Segundo Ribeiro e Almeida Júnior (2022, p. 1), “a informação é (re)significada pelo sujeito e este é um ser social”.

Apropriar-se da informação, nesse contexto, significa mais do que acessá-la: é transformar o conteúdo informacional em algo significativo com base na experiência de vida e na realidade do sujeito. Ribeiro e Almeida Júnior (2022, p. 7) ressaltam que “a apropriação da informação requer uma interação entre sujeito e protoinformação em que aos significados que se acumularam na construção da informação se agreguem os significados oriundos do usuário”. A protoinformação, entendida como uma informação em estado potencial, pode se tornar verdadeiramente transformadora quando atravessa processos de apropriação crítica por parte dos sujeitos.

Esses processos são atravessados pelas relações socioculturais, nas quais o sujeito não apenas compreende a informação, mas a ressignifica a partir de seu contexto. De acordo com os autores Ribeiro e Almeida Júnior (2022, p. 9), “a apropriação da informação não é um ato espontâneo, envolve mobilização de diferentes capacidades, demanda esforço e não acontece de forma passiva, mas sim em uma relação dialética (sujeito e objeto)”.

Simplificando, por essa perspectiva podemos compreendê-la como o processo que possibilita o diálogo entre as diferentes manifestações artísticas e o público,

promovendo a apropriação crítica da cultura e o fortalecimento das identidades sociais.

No caso do rap, essa mediação se dá tanto por meio das letras, que abordam questões sociais e históricas relevantes, quanto pela atuação direta dos próprios artistas, que vivenciam, representam e expressam essas realidades, tornando-se mediadores e protagonistas da transformação cultural.

É importante destacar que esse processo de mediação também está atravessado pelas desigualdades de gênero, que influenciam diretamente quem tem voz, quem é escutado e quem ocupa espaços de produção e circulação de informação. No campo do rap, por exemplo, as mulheres enfrentam resistências históricas para se consolidarem como protagonistas, sendo frequentemente invisibilizadas ou colocadas à margem da cena. Portanto, compreender a mediação cultural da informação também exige uma análise interseccional que considere as barreiras enfrentadas por mulheres, especialmente as mulheres negras e periféricas, no acesso, na produção e na apropriação de saberes.

Ao observar o rap pela perspectiva da mediação cultural, é possível entender seu papel importante na difusão de conhecimentos e na criação de discursos que questionam as ideias dominantes, promovendo mais inclusão e valorização social. Se hoje o rap, enquanto ferramenta de mediação cultural da informação, desafia hierarquias ao democratizar discursos, é crucial lembrar que esse acesso à informação nem sempre foi tão aberto.

Agora partindo do contexto histórico do acesso ao conhecimento e acesso à informação, percebemos que, durante séculos, o acesso ao conhecimento era privilégio de poucos. Durante grande parte da história, especialmente na Idade Média, a produção e o acesso ao conhecimento estavam restritos à Igreja e à nobreza. Livros e manuscritos eram raros, muitas vezes mantidos em bibliotecas de mosteiros e castelos. Isso reforçava o contraste da hierarquia social, pois o conhecimento é uma ferramenta de poder. Entendendo assim, que o Clero e a nobreza monopolizavam a informação, reforçando estruturas hierárquicas que excluía a maioria da população, como aponta Tanus (2018).

Com a Revolução Francesa, surgiu a ideia de que todas as pessoas deveriam ter os mesmos direitos, inclusive o direito ao saber. Isso fazia parte dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, que guiavam a revolução. Daí então, o conhecimento passou a ser tratado como um bem público, resultando na

nacionalização de acervos e na criação de bibliotecas disponíveis à população. Posteriormente, a Revolução Industrial deu impulso a mudanças significativas na organização da informação, demandando novos métodos de catalogação e disseminação do conhecimento (Glénisson, 1979 apud Thiesen, 2023).

Apesar do crescimento significativo no acesso à internet entre os jovens brasileiros, o uso excessivo das tecnologias digitais, sem o devido preparo crítico, tem intensificado desafios como a desinformação, a superficialidade nas interações e a alienação informacional. O simples contato frequente com conteúdos digitais não garante, por si só, uma relação ativa e consciente com a informação. Pelo contrário, torna-se cada vez mais necessário desenvolver competências para analisar, interpretar e verificar a veracidade das mensagens circulantes, sobretudo diante da sobrecarga informacional que caracteriza o ambiente digital contemporâneo.

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (Jornal da USP, 2024), o Brasil apresentou o pior desempenho em uma avaliação internacional que simulou uma rede social, na qual os participantes deveriam identificar se as notícias eram verdadeiras ou falsas. Com apenas 54 % de acertos, abaixo da média global de 60 %, os brasileiros demonstraram grande dificuldade em distinguir conteúdos confiáveis, especialmente nas redes sociais, que são a principal fonte de informação para 85 % dos entrevistados. Esses dados revelam que a simples exposição a informações não resulta, automaticamente, em engajamento crítico, sendo indispensável o desenvolvimento de habilidades de leitura e avaliação criteriosa.

Segundo Cozman, do Departamento de Engenharia Mecatrônica da Escola Politécnica e Diretor do Centro de Inteligência Artificial da USP (Jornal da USP, 2024, *n.p.*),

se assumirmos que dois terços das notícias que recebemos é falsa, o que, nos tempos atuais, é uma taxa plausível –, as pessoas acreditarão em 40% delas. Na prática, quase um terço das informações que as pessoas, nesse caso, acreditam seriam falsas

Essa afirmação reforça o papel central da mediação informacional diante do aumento da desinformação.

Nesse sentido, a ausência de uma educação midiática efetiva, entendida como a capacidade de compreender os mecanismos de produção e circulação das mensagens, bem como os interesses que as movem, contribui para a vulnerabilidade

dos indivíduos diante da manipulação de narrativas. Sem esse preparo, torna-se mais difícil interpretar criticamente o que se consome e resistir à desinformação que circula com rapidez e alcance ampliado nos meios digitais.

Além disso, o baixo nível de letramento informacional, a habilidade de localizar, avaliar e utilizar informações de forma eficaz, dificulta que esses sujeitos transformem o acesso em conhecimento e ação. Muitos jovens acessam dados e opiniões nas redes sociais, mas não possuem os recursos necessários para verificar a veracidade das fontes ou entender os contextos por trás das mensagens.

O rap, enquanto manifestação originária das margens sociais, consolida-se como uma prática discursiva capaz de questionar estruturas de poder e propor outras formas de existir e se relacionar com o mundo. Por meio de suas letras e performances, ele comunica experiências invisibilizadas, denuncia desigualdades e reivindica espaços de escuta e pertencimento. Ao fazer isso, o rap não apenas narra realidades, mas também propõe caminhos de transformação individual e coletiva.

Dessa forma, ao ultrapassar os limites do entretenimento e adentrar o campo da formação crítica, o rap se configura como um instrumento potente de conscientização social. Mais do que um gênero musical, o rap torna-se um canal de expressão crítica e de aprendizado mútuo, onde artistas e público compartilham saberes e afetam-se mutuamente. Ele contribui para transformar ouvintes em sujeitos ativos, capazes de refletir, questionar e se posicionar diante das questões que os cercam. Ao articular saberes informais e cotidianos com práticas de resistência, o rap amplia os horizontes da mediação da informação, oferecendo novas formas de compreender, acessar e produzir conhecimento.

Essa circulação de ideias contribui para o fortalecimento de uma consciência social mais ampla e participativa. Assim, o rap adquire uma dimensão formativa, atuando como uma prática cultural que educa, politiza e inspira ação. Ao dialogar com os princípios da Biblioteconomia Social, ele reforça a importância da democratização do conhecimento, do respeito às múltiplas vozes e da promoção da equidade informacional como ferramenta educativa, crítica e inclusiva, comprometida com a justiça social e o respeito à diversidade cultural.

Diversos estudiosos têm se dedicado a investigar a mediação cultural da informação e sua influência na cultura e na sociedade. Davallon (2003) enfatiza que a mediação não se restringe a simplesmente viabilizar o acesso à informação, mas configura um processo interativo que transforma a relação entre mediador e receptor.

Por sua vez, Martins (2013) destaca que a mediação cultural ajuda as pessoas a se conectarem com diferentes formas de cultura, permitindo que participem ativamente da realidade em que vivem.

Essa perspectiva é essencial quando se analisa a mediação da informação em territórios periféricos, onde práticas culturais como o rap configuram formas legítimas de resistência e expressão. Segundo Santos Neto e Almeida Júnior (2014, p. 1243), “a mediação da informação amplia e consolida as discussões no que tange à importância do usuário da informação no processo”. Logo, quando a mediação é exercida por artistas, como rappers, ela adquire uma função crítica, capaz de tensionar estruturas sociais e revelar demandas históricas por visibilidade, reconhecimento e acesso.

Dessa forma, observa-se que o rap atua como uma importante ferramenta de mediação cultural da informação, especialmente no contexto de populações historicamente marginalizadas. O rap constitui um espaço legítimo de expressão, resistência e construção de saberes. Por meio de suas letras, frequentemente baseadas em vivências reais, o rap comunica experiências sociais e afetivas que não estão presentes nos meios formais de informação, mas que são essenciais para a compreensão da realidade desses grupos.

A partir dessa perspectiva, compreende-se a mediação cultural não apenas como um canal de acesso à informação, mas como um processo que estimula a apropriação crítica dessa informação. Quando indivíduos se reconhecem nas narrativas presentes nas músicas, ocorre um movimento de identificação e ressignificação, no qual passam a interpretar suas realidades com base nas mensagens recebidas. Trata-se de uma forma de apropriação informacional que fortalece a construção de subjetividades e promove o protagonismo social.

Esse protagonismo emerge quando os sujeitos não apenas absorvem a informação, mas a ressignificam a partir de seus próprios contextos, tornando-se agentes ativos na produção de sentidos e nas disputas simbólicas em curso na sociedade. A apropriação da informação, nesse sentido, não é neutra: ela está diretamente relacionada à construção da autonomia, ao fortalecimento das identidades coletivas e à capacidade de intervir criticamente no mundo.

A informação apropriada se converte em ferramenta de ação social, quando articulada a saberes cotidianos, experiências vividas e práticas culturais que desafiam narrativas hegemônicas. Por meio dessa dinâmica, grupos historicamente

marginalizados deixam de ocupar apenas o lugar de receptores e passam a reivindicar o direito à palavra, à memória e à construção de conhecimento a partir de suas próprias perspectivas.

Com o avanço das tecnologias digitais, surgem também novas possibilidades de mediação cultural. Plataformas de streaming, redes sociais, podcasts e canais de vídeo passaram a desempenhar um papel central na forma como os conteúdos culturais são produzidos, compartilhados e consumidos. Essas ferramentas permitem que artistas independentes alcancem públicos diversos, rompendo barreiras geográficas e institucionais. Ao mesmo tempo, o acesso facilitado à produção cultural intensifica o papel da mediação como prática crítica, uma vez que o volume de informações disponíveis exige cada vez mais discernimento, curadoria e contextualização. Nesse cenário, a mediação cultural se reinventa, acompanhando as dinâmicas tecnológicas e sociais contemporâneas e abrindo espaço para novas formas de apropriação do conhecimento, protagonismo e transformação social.

Dessa forma, a apropriação informacional se consolida como um elo fundamental entre informação, cultura e ação política, posicionando a mediação como campo estratégico para a promoção da justiça social e da equidade no acesso aos saberes.

No entanto, mesmo diante dessas inovações, algumas disparidades ainda persistem. Assim como ocorre na esfera digital, a exclusão também se manifesta no meio artístico, afetando determinados grupos que enfrentam barreiras estruturais para se estabelecerem e serem reconhecidos. A tecnologia, embora amplie o alcance, não elimina sozinha as desigualdades históricas de classe, raça e gênero. Por isso, torna-se essencial que os processos de mediação cultural estejam comprometidos com a inclusão e a equidade, para que as novas formas de expressão e circulação da informação não apenas reproduzam, mas ajudem a superar as assimetrias existentes.

Assim, ao analisar o rap sob a ótica da mediação cultural, é possível compreender como esse gênero musical atua na disseminação do conhecimento e na construção de identidades sociais. Apesar de sua essência contestadora, o rap ainda reflete as assimetrias estruturais presentes na sociedade, reproduzindo desigualdades em diferentes aspectos, incluindo o acesso das mulheres a esse espaço. Esse cenário evidencia a necessidade de debates e iniciativas que promovam maior inclusão e diversidade dentro do gênero.

De acordo com um estudo da Revista Observatório do Itaú Cultural (Itaú Cultural, 2023), apenas 8% dos artistas do rap brasileiro são mulheres, demonstrando a necessidade de ampliar a sua representatividade em relação ao gênero. Esses números reforçam a importância de pesquisas que analisem como a música pode atuar na mediação cultural e na promoção do protagonismo das mulheres.

Essa baixa representatividade feminina no rap revela uma exclusão histórica dentro de um espaço que, paradoxalmente, foi criado como ferramenta de denúncia social. Conforme apontam Machado e Prado (2010, p. 51), “para ser um bom rapper, os jovens perceberam a necessidade de ampliar seu repertório e suas bases culturais”. Isso demonstra como o próprio rap impulsiona um movimento interno de busca por conhecimento e apropriação da informação, aspectos que muitas mulheres artistas, como Duquesa, vêm incorporando em suas narrativas.

Neste cenário, destaca-se a artista Duquesa no rap brasileiro por fortalecer o protagonismo das mulheres em um cenário historicamente dominado por homens. Suas composições funcionam como registros da vivência das mulheres, narrando experiências de resistência, independência e empoderamento. Assim como a Biblioteconomia organiza e preserva o conhecimento para que ele não se perca, sua música resgata histórias e amplifica vozes que muitas vezes foram silenciadas. Dessa modo, Duquesa não apenas constrói sua trajetória no rap, mas também abre caminho para outras mulheres, garantindo que suas narrativas sejam reconhecidas e valorizadas dentro da cultura do rap nacional.

Diante desse contexto, a pesquisa busca responder à seguinte questão como problema: Como o rap, a partir das músicas de Duquesa, atua enquanto ferramenta de mediação cultural da informação evidenciando a vivência de mulheres em contextos de vulnerabilidade?

O **objetivo geral** da pesquisa é analisar como o rap, a partir das músicas de Duquesa, atua como ferramenta de mediação cultural da informação, evidenciando as vivências de mulheres em contextos de vulnerabilidade. Especificamente, os **objetivos específicos** são:

- a) Identificar músicas do álbum que abordem o contexto social das mulheres;
- b) Apontar elementos que evidenciem vivências e opressões no âmbito do rap;
- c) Elencar os prêmios e ações protagonistas da artista Duquesa;
- d) Evidenciar como o rap pode contribuir como promotor da tomada de consciência das mulheres.

e) Analisar as músicas do álbum *Taurus* Vol. 2 da Duquesa: Ela (Intro), Big D!!!! Pt.2, Vermelho e Preto e Voo 1360.

A escolha do tema desta pesquisa está diretamente relacionada à trajetória pessoal, artística e acadêmica da autora, Ravia, nome artístico de Aline Sarmiento, multiartista, cantora, compositora e produtora cultural. Desde a infância, a música ocupou um lugar central em sua vida, sendo canal de expressão, escuta e elaboração sensível do mundo. A atuação profissional no rap desde 2019 consolidou não apenas uma linguagem estética, mas também uma postura crítica e engajada diante das desigualdades de gênero, classe e território presentes na cena musical brasileira. Inserida na cultura hip-hop como artista atuante, Ravia vivencia de forma direta as tensões e potências que atravessam as trajetórias de mulheres no rap, especialmente no contexto do Nordeste do país. Assim, esta pesquisa nasce de uma inquietação que é, ao mesmo tempo, pessoal e coletiva: compreender, registrar e valorizar os caminhos de resistência, representação e reconhecimento trilhados pelas mulheres no rap brasileiro, com especial atenção à cena potiguar. Trata-se, portanto, de uma investigação que conjuga vivência prática e reflexão teórica, numa busca por ampliar os sentidos e os espaços de escuta para essas vozes.

Adentro no âmbito acadêmico, tornou-se evidente a relevância da mediação cultural da informação como um processo essencial para a democratização do conhecimento e o fortalecimento das comunidades. Embora o rap possua um enorme potencial como ferramenta cultural para mediar saberes e provocar reflexões sociais, ainda é pouco explorado nesse cruzamento dentro do campo da Ciência da Informação.

Ao combinar os termos "mediação" e "rap" na base BRAPCI, ainda que tenham sido utilizados operadores booleanos, apenas um resultado foi recuperado na busca: *Ocupa Belo Horizonte: cidadania, cultura e fluxos informacionais no duelo de MCs* (Campos; Moura; Frota, 2013). A quantidade de pesquisa evidencia uma lacuna significativa na produção científica da área da Ciência da Informação. Tal constatação revela que o rap, enquanto manifestação cultural e instrumento de produção e circulação de saberes periféricos, ainda não tem sido abordado de forma sistemática sob a ótica da mediação cultural da informação. Essa lacuna teórica contribuiu significativamente para a escolha do tema e motivou o desenvolvimento desta pesquisa.

A análise do Duelo de *MCs* em Belo Horizonte, feita por Campos, Moura e Frota (2013), revela como o rap atua diretamente na construção de uma cultura informacional periférica, na qual a informação circula por meio da oralidade, da vivência coletiva e da resistência cotidiana. Os autores destacam que o Duelo “é um espaço de resistência política e formação cidadã” (Campos; Moura; Frota, 2013, p. 6), apontando a potência transformadora que emerge das práticas culturais juvenis.

Ao transformar versos improvisados em instrumentos de crítica social, os *MCs* ressignificam o espaço urbano e se apropriam da informação de forma ativa, crítica e situada. Nesse contexto, a apropriação da informação se dá por meio da experiência estética e política, promovendo um protagonismo que se ancora na identidade cultural, na coletividade e na autonomia dos sujeitos.

Mais do que um palco de competição, o rap se configura como um território informacional em disputa, onde os sujeitos constroem e reivindicam sentidos a partir das suas vivências, como aponta o trecho: “os *MCs* demonstram, ao longo das batalhas, uma cultura informacional pautada também por um repertório construído a partir de experiências de exclusão social, preconceito e privação de direitos” (Campos; Moura; Frota, 2013, p. 6).

Esse exemplo reforça que a mediação cultural da informação não se limita a espaços formais ou institucionalizados, mas pulsa em territórios marginalizados, onde práticas artísticas, como o rap, funcionam como mediadoras entre o sujeito e a transformação social.

A seleção do rap e da artista Duquesa como objeto de estudo não ocorreu ao acaso. A artista Duquesa tem transformado a forma de se produzir rap, promovendo uma nova abordagem estética e de mercado. O rap, em sua essência, representa mais do que um gênero musical: trata-se de uma expressão cultural e social que dá voz a vivências e narrativas através de um representante. A condição de mulher periférica da autora contribui para uma identificação significativa com o rap, compreendido como ferramenta de transformação social e subjetiva. Essa expressão cultural não apenas proporcionou representatividade, mas também demonstrou como a arte pode ser um meio de resistência e construção de novas possibilidades. Assim, estudar as músicas de Duquesa é uma forma de valorizar essa ferramenta cultural e ressaltar seu papel na mediação da informação e no empoderamento de mulheres.

Este trabalho também expressa o desejo da autora de aproximar os saberes formais, como os aprendidos na escola ou na universidade, dos saberes informais,

que vêm da vivência, da cultura e da arte. Essa conexão é vista como essencial para a prática na biblioteconomia, pois amplia a compreensão de que o conhecimento pode surgir em diferentes contextos. Assim, não só as bibliotecas, mas também em espaços como projetos comunitários, redes sociais, coletivos culturais e plataformas digitais, que têm se mostrado potentes canais de disseminação e valorização de diferentes formas de conhecimento.

Nesse cenário, manifestações como o rap ganham força ao promover reflexões sociais e dar visibilidade a vozes historicamente silenciadas, reafirmando seu papel como ferramenta legítima de mediação da informação e transformação social.

A ideia de que o rap pode dialogar com o campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação reforça a importância da inclusão e da valorização de narrativas periféricas, que não apenas comunicam, mas também ressignificam realidades. Esta pesquisa, portanto, propõe destacar o rap como um potente agente de mediação cultural, contribuindo tanto para a construção de uma sociedade mais justa e diversa quanto para o enriquecimento do campo acadêmico por meio de uma abordagem crítica e interdisciplinar.

Além disso, ao abordar questões como gênero, racismo e desigualdade social, a pesquisa traz visibilidade às lutas e conquistas de mulheres no rap. O protagonismo das mulheres é um tema que necessita ser amplamente debatido e reconhecido. Nesse sentido, a análise do álbum *Taurus, Vol. 2*, da artista Duquesa, permite evidenciar como suas letras, além de narrar experiências individuais, possuem um potencial transformador, conectado às vivências pessoais a questões sociais mais amplas.

Assim, a motivação pessoal e acadêmica da autora se entrelaça nesta pesquisa. Este trabalho reafirma que a Biblioteconomia pode integrar expressões artísticas e culturais em suas práticas, promovendo inclusão, diversidade e transformação social.

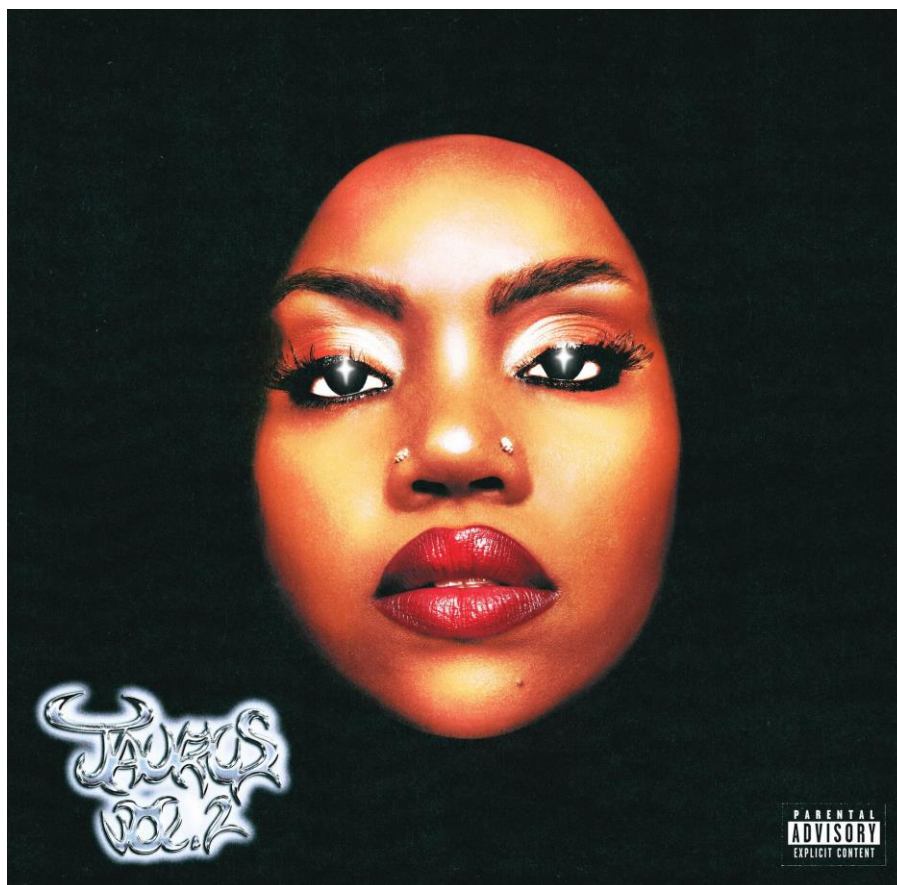
Este trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro capítulo, apresentam-se os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa, abordando conceitos relacionados à mediação cultural da informação, à apropriação da informação e à relação entre informação e cultura. No segundo capítulo, descreve-se a metodologia utilizada, detalhando o tipo de pesquisa, os procedimentos adotados, bem como as técnicas de coleta e análise de dados. No terceiro capítulo, são expostos e discutidos os resultados obtidos, relacionando-os com o referencial teórico e destacando as

contribuições da pesquisa para a área de estudo. Por fim, nas considerações finais, sintetizam-se os principais achados, apontam-se as limitações do estudo e apresentam-se sugestões para pesquisas futuras.

### 1.1 O PROTAGONISMO DE DUQUESA NO ÂMBITO DO RAP

Jeysa Ribeiro, conhecida artisticamente como Duquesa, possui uma trajetória no rap que vem sendo marcada por uma ascensão notável e crescente reconhecimento, tanto no cenário nacional quanto internacional. Natural de Feira de Santana, Bahia, Duquesa consolidou-se como uma das vozes femininas mais potentes e representativas da nova geração do rap. Sua identidade artística une uma estética marcante, reforçada pelo uso simbólico das cores vermelho e preto, com um lirismo afiado e um posicionamento político firme sobre questões de raça, gênero e classe.

**Figura 1** – Capa do Álbum *Taurus Vol. 2*, da rapper Duquesa



Fonte: Deezer (2025).

Além de cantora e compositora, Duquesa é uma artista multimídia que também atua na criação visual de seus projetos, com videoclipes autorais e colaborações artísticas que reforçam sua estética e narrativa própria. Nesse período inicial, Duquesa passou a integrar a Boogie Naípe, produtora responsável pela carreira solo de Mano Brown, o que impulsionou significativamente sua inserção na cena musical nacional.

Desde 2021, a artista começou a ganhar visibilidade nacional ao ser indicada ao MTV MIAW Brasil na categoria Prestatenação, voltada a artistas promissores (A Gazeta, 2021). Em 2023, foi novamente reconhecida no circuito alternativo da música ao receber uma indicação ao Women's Music Event Awards, na categoria Revelação, que celebra o protagonismo feminino na indústria fonográfica (CNN, 2023).

O ano de 2024 representou um divisor de águas na carreira de Duquesa. Ela venceu o Prêmio Potências na categoria Revelação do Ano, uma iniciativa dedicada a destacar personalidades negras que se destacam em suas áreas de atuação (Cultura Preta, 2024). Na mesma ocasião, foi indicada a duas categorias no Prêmio Multishow de Música Brasileira: Revelação do Ano e Melhor Música Urbana, esta última pela faixa "*Purple Rain*", lançada em colaboração com Yunk Vino e Go Dassisti (Gshow, 2024).

A repercussão do clipe da música "*Purple Rain*", que combina sensualidade, crítica social e referências afrofuturistas, também foi destacada por plataformas de mídia especializada.

O lançamento do álbum *Taurus, Vol. 2*, em maio de 2024, reforçou ainda mais sua identidade como artista. O projeto ultrapassou a marca de 30 milhões de *streams* nas plataformas digitais nos primeiros meses e mais de 4 milhões de execuções no Spotify apenas na primeira semana.

A estrutura do álbum apresenta uma narrativa de amadurecimento emocional, afetivo e político, reafirmando o rap como espaço de elaboração subjetiva e afirmação coletiva. O sucesso do álbum, aliado à coerência estética visual e musical, com letras que abordam vulnerabilidade, crítica social e empoderamento, consolidou sua presença como uma das principais referências do rap nacional contemporâneo.

Ainda em 2024, Duquesa ultrapassou as fronteiras do mercado musical brasileiro ao ser indicada ao BET Awards, na categoria *Viewer's Choice: Best New*

*International Act*. O prêmio, promovido pela *Black Entertainment Television* (BET), é uma das maiores premiações voltadas à música negra em escala mundial (Alô Alô Bahia, 2025).

Essa visibilidade internacional reforça a projeção de artistas brasileiras em diálogos estéticos e políticos com a diáspora africana, consolidando o rap como linguagem de alcance global. Em 2025, Duquesa retornou ao cenário internacional ao participar da cerimônia do *BET Awards 2025*, realizada em Los Angeles (Figura 02). Essa foi sua segunda presença consecutiva no evento, reafirmando sua inserção no circuito global da música negra.

**Figura 2 - Rapper Duquesa em premiações**



**Fonte:** Gettyimages (2025).

Embora a vitória da categoria de Melhor Artista Revelação Internacional tenha ficado com a brasileira Ajuliacosta, Duquesa foi destaque no tapete vermelho e nas redes sociais, onde celebrou a premiação e sua participação: “Vi e vivi coisas lindas e incríveis!” (Alô Alô Bahia, 2025). Sua participação foi amplamente repercutida nas redes sociais e veículos de imprensa, sendo destacada como um símbolo de representatividade da mulher negra nordestina no cenário internacional.

A sequência de prêmios, indicações e performances ao longo de sua trajetória revela mais do que êxito comercial: demonstra como Duquesa atua como mediadora cultural, utilizando sua arte para criar pontes entre diferentes contextos sociais.

Ao tratar de temas como dor, liberdade, autoestima e injustiça, suas composições produzem reconhecimento coletivo e criam espaços de escuta para experiências silenciadas. Sua presença em eventos como o Multishow e o BET Awards contribui para a ampliação das narrativas negras no espaço midiático, reafirmando a importância da diversidade e da representatividade.

Em síntese, Duquesa não apenas conquistou visibilidade em um mercado competitivo e historicamente masculino, ela também abriu caminhos. Sua trajetória representa mais do que uma ascensão individual: ela simboliza a emergência de novas vozes no rap nacional, sobretudo de mulheres negras e periféricas que, por muito tempo, foram marginalizadas ou silenciadas nesse espaço. Ao ocupar o microfone, Duquesa transforma o palco em lugar de fala e legitima outras experiências, deslocando a centralidade de narrativas antes dominadas por olhares masculinos e heteronormativos.

**Figura 3** - Rapper Duquesa performando em show



**Fonte:** Rolling Stone Brasil (2024).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://rollingstone.com.br/musica/duquesa-comprova-que-e-uma-das-principais-rappers-da-Atualidade-em-primeiro-grande-show/>.

Seu percurso artístico aponta para um novo modelo de atuação no rap brasileiro, onde arte, identidade e resistência se entrelaçam de forma orgânica. Por meio de suas letras, performances e posicionamento público, ela ressignifica o lugar da mulher negra na música, não como exceção, mas como potência criadora e protagonista de discursos que informam, formam e transformam. Assim, a música deixa de ser apenas entretenimento e passa a atuar como ferramenta de mediação cultural e de produção de conhecimento, promovendo inclusão, consciência crítica e reconhecimento coletivo.

Sua trajetória evidencia como o rap, quando protagonizado por mulheres negras, pode se tornar um canal legítimo de transformação social, memória e reivindicação política.

## 2 MEDIAÇÃO CULTURAL DA INFORMAÇÃO

A mediação cultural, no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, assume um papel central na promoção do acesso democrático ao conhecimento e na valorização das diversas expressões culturais presentes na sociedade. Para Santos (2018), essa prática vai além da simples transmissão de informações: ela constitui um processo dinâmico de interação entre diferentes grupos sociais, permitindo que populações historicamente marginalizadas retomem seu espaço como participantes ativos na produção cultural.

Complementando essa visão, Almeida Júnior (2017) propõe uma ampliação do conceito ao definir a mediação da informação como não somente disponibilizar o conhecimento, mas sim uma ação que, além de tornar o conhecimento acessível, estimula sua apropriação crítica pelos sujeitos. Essa abordagem se alinha às reflexões de Paulo Freire (1979), que compreende a cultura como um instrumento de transformação social, capaz de transformar a sociedade por meio da educação e da conscientização.

Nesse contexto, o rap se apresenta como um poderoso elemento de mediação cultural da informação, auxiliando os indivíduos e as comunidades a refletirem sobre suas realidades. A partir de suas letras, carregadas de críticas sociais, o rap promove acesso a informações relevantes e gera oportunidades para debates e conscientização.

Esse tipo de troca cultural resultante da mediação cultural faz com que as pessoas deixem de ser apenas consumidoras de cultura e passem também a produzi-la. Com isso, elas conseguem reforçar suas identidades e seu lugar na sociedade. Como diz Gomes (2014), a mediação cultural transforma quem só recebia informações em alguém que constrói seu próprio conhecimento. Isso fortalece a cultura como um espaço de luta e valorização das histórias das periferias.

Rasteli e Cavalcante (2019, p. 5) definem a mediação cultural como um conjunto de interações entre diferentes elementos que contribuem para a construção de significados dentro de um contexto cultural amplo. Essa visão mostra que a mediação é algo dinâmico, que envolve relações e inclui diferentes conhecimentos e vivências.

Nesse sentido, a mediação cultural também pode ser vista como uma prática que rompe barreiras entre os saberes formais (aqueles ensinados nas instituições de ensino) e os informais (conhecimentos adquiridos no cotidiano). Ao promover esse encontro, o processo amplia o acesso à cultura e ao conhecimento, reconhecendo a legitimidade de diferentes formas de aprender e compreender o mundo. Com isso, a mediação cultural não apenas democratiza o saber, mas também fomenta um diálogo mais equitativo entre sujeitos sociais diversos.

Nessa mesma direção, o conceito de cultura desenvolvido por Clifford Geertz (1973) torna-se uma chave interpretativa valiosa dentro da Ciência da Informação, ao iluminar as relações entre informação, contexto e construção de significados. A partir da perspectiva simbólica e interpretativa proposta por Geertz, compreende-se que o rap, como manifestação cultural, atua como mediador entre realidades sociais e suas representações, reforçando sua potência no processo comunicacional e educativo.

Geertz (1973) define a cultura como “as redes de significado que o ser humano cria para si”, mostrando que é importante interpretar esses símbolos para entender como eles influenciam a sociedade. Com isso, a informação deixa de ser vista apenas como algo técnico e passa a ser entendida como algo vivo, que media as relações/interações sociais e culturais

A partir dessa perspectiva, instituições como bibliotecas, arquivos e centros de documentação deixam de ser vistas como espaços neutros. Inseridas em contextos sociais específicos, elas possuem um papel estratégico na promoção do acesso à informação e à cultura. Quando compreendida como prática de mediação, sua atuação na biblioteconomia se expande: ultrapassa a organização de acervos e se transforma em uma ferramenta de empoderamento, visibilidade, inclusão social e/ou representação social.

A cultura e a arte sempre desempenharam papéis centrais na sociedade, como registrado pelos nossos antepassados dos primórdios na história, manifestando-se através de desenhos, músicas, danças e várias outras formas de expressão. Por isso, é importante reconhecê-la como um direito universal que deve ser protegido e apoiado independentemente da posição social ou da região. Apesar de sua importância, muitas dessas manifestações artísticas foram desvalorizadas ou permaneceram invisíveis devido à falta de incentivo, apoio e financiamento necessários.

Nesse contexto desigual, a mediação cultural assume sentidos distintos. Enquanto pessoas com maior poder aquisitivo acessam facilmente bens culturais, populações em situação de vulnerabilidade enfrentam obstáculos para se apropriar desses espaços. Essa disparidade evidencia a urgência de políticas inclusivas que valorizem todas as expressões artísticas e ampliem o alcance da informação como um direito.

[...] realizar a mediação cultural é permitir que aqueles sujeitos que foram postos à margem da esfera cultural possam se apropriar do que lhes é de direito e que ajudam na composição de suas identidades culturais, permitindo que esses mesmos sujeitos sejam retirados da categoria de simples consumidores e espectadores do jogo cultural, dando a eles a consciência de que eles também possuem direitos acerca desses itens, e permitindo que eles possam ser protagonistas desse mesmo jogo, de forma que eles mesmos possam produzir e possuir os elementos que compõem a formação e atuação da malha cultural da sociedade (Santos, 2018, p. 43-44).

Dessa forma, é possível perceber que a arte, em suas diversas manifestações, também se configura como um elemento da mediação cultural da informação. O rap, por exemplo, transcende sua função de entretenimento ao interligar saberes e contextos sociais, permitindo que esses indivíduos se expressem e se tornem protagonistas de suas próprias narrativas. O ato de criar e interpretar arte não apenas transmite informações, mas também incentiva reflexão crítica e a formação de identidade cultural.

Perrotti (2017) destaca que a mediação cultural desempenha um papel crucial na capacitação de indivíduos como agentes ativos de suas próprias histórias. Quando um indivíduo tem acesso às informações que lhe permitem refletir sobre sua realidade, ele se torna capaz de transformar sua experiência e seu meio. Assim, a mediação cultural reforça o protagonismo social ao ampliar o acesso ao conhecimento e possibilitar uma participação mais ativa na construção de identidades e na ressignificação de espaços sociais.

Nesse contexto, também destaca-se o conceito de informação de gênero, de Gisele Rocha Côrtes (2024) que são

[...] práticas de resistência que envolvem planejamento, produção, disseminação, organização, recuperação, gestão, mediação e representação da informação, delineadas em arquivos, bibliotecas, museus e demais ambientes de informação, físicos e digitais, da geração de conhecimentos críticos, no que tange à desnaturalização e à subversão das hierarquias de gênero (Côrtes, 2024, p. 30).

Essa capacidade de transformar realidades por meio do acesso à informação está diretamente relacionada ao conceito de mediação da informação, considerada uma interferência (direta ou indireta, consciente ou inconsciente) realizada pelo profissional da informação, com o objetivo de promover a apropriação do conhecimento de acordo com a necessidade informacional do usuário (Almeida Júnior, 2008 *apud* Santos Neto; Almeida Júnior, 2014).

Inicialmente discutida no campo da Biblioteconomia, a mediação da informação passou a ser compreendida como elemento central de práticas sociais voltadas ao uso, à organização e à circulação da informação. Essa concepção expandiu-se para áreas como a Comunicação e a Educação, tornando-se um campo multidisciplinar que considera as dimensões culturais, sociais e institucionais envolvidas nas interações informacionais.

Almeida Júnior (2015) aprofunda essa ideia ao sugerir que a mediação da informação não se limita ao acesso, mas promove um diálogo entre aqueles que possuem e aqueles que buscam o conhecimento. Esse processo garante que o receptor não apenas receba informações, mas também participe ativamente da construção de significados. Assim, a mediação cultural e informacional atuam em conjunto para garantir que diferentes grupos tenham seus saberes reconhecidos e valorizados.

Portanto, a mediação cultural assume um papel essencial na promoção da inclusão social e na valorização da diversidade. Em uma sociedade marcada por desigualdades de acesso e oportunidades, reconhecer a cultura como um direito universal é fundamental para garantir uma participação mais equitativa nos espaços de expressão e representação. Assim, a mediação cultural continua a se consolidar como uma estratégia indispensável para fortalecer identidades e fomentar uma sociedade mais justa e plural.

### 3 RAP E GÊNERO

O rap surgiu na década de 1960 com influência da música jamaicana e foi popularizado na década de 1970 nos bairros periféricos de Nova York, como o Bronx, por comunidades negras e latinas, como aponta Rosana Martins (2013). Considerado um dos pilares fundamentais do *hip-hop*, ao lado do *DJ*, do *MC* (rap), do *breakdance* (ou *b-boying*), do grafite e do conhecimento, o rap se consolidou como um movimento cultural de grande impacto social. Esses elementos, em conjunto, formam uma expressão artística e política que nasceu nas periferias urbanas como resposta às desigualdades sociais, ao racismo e à marginalização. Como destaca a autora Rosana Martins (2013), o *hip-hop* vai além da música, sendo uma manifestação coletiva que expressa suas vontades, insatisfações, denuncia injustiças e fortalece identidades periféricas. Ao integrar diferentes linguagens culturais, o *hip-hop* cria espaços de resistência, protagonismo e construção de novas narrativas por meio da arte.

Nos anos 1980, o rap começou a ganhar espaço comercialmente na mídia, mantendo sua abordagem sobre violência urbana, discriminação racial e desigualdades sociais. A década de 1990 consolidou o rap como um fenômeno global, com artistas como Tupac Shakur, Dr. Dre, Lauryn Hill, Jay-Z, Queen Latifah e Missy Elliott, dominando a indústria musical. No Brasil, o rap chegou através da influência norte-americana e da importação de discos e fitas cassetes trazidos por *DJs* e turistas. Os grupos Thaíde & *DJ Hum* e Racionais *MC's* foram um dos pioneiros do gênero no país que trouxeram uma representação marcante das periferias de São Paulo.

A partir dos anos 2000, o rap passou por uma ampliação estética e temática, abraçando novas sonoridades e discursos. O crescimento de subgêneros como o trap ampliou sua audiência, tornando-o ainda mais presente na cena musical contemporânea. Esse desenvolvimento também permitiu maior abertura para a presença feminina no gênero, embora desafios estruturais ainda sejam evidentes.

Santana (2005) mostra como o rap educa e transforma, conectando mente e coração. Suas letras criam um espaço de aprendizado, permitindo que os ouvintes compreendam e reflitam sobre as mais diversas questões. Mais do que apenas relatar vivências, o rap desafia os ouvintes a pensarem criticamente e a agirem em busca de mudanças.

Historicamente, o rap foi dominado por vozes masculinas, e a cultura *hip-hop* frequentemente reforçou estereótipos de gênero. As mulheres eram frequentemente retratadas de forma hipersexualizada ou relegadas a papéis secundários dentro do movimento. Joan Scott (1989) argumenta que o gênero é um sistema de significação que reflete e reforça relações de poder, o que se manifesta no rap tanto pela marginalização inicial das mulheres quanto pela forma como artistas femininas têm reconfigurado o espaço musical.

Por séculos, as mulheres foram associadas ao espaço privado, enquanto os homens dominavam o espaço público e político (Scott, 1989). Essa divisão se refletiu no rap, onde a presença feminina foi, por muito tempo, minorizada. Quando não eram completamente invisibilizadas, as mulheres eram retratadas sob estereótipos binários: ou eram exaltadas como mães e esposas batalhadoras ou hipersexualizadas como objetos de desejo (Matsunaga, 2008). No entanto, as *MCs* mulheres reverteram essa lógica, transformando o rap em uma plataforma para questionar o machismo e afirmar identidades femininas autônomas.

Entre os anos 1980 e 2000, já existiam artistas como Dina Di, Sharylaine, Rubia RPW e Negra Li, mas a partir dos anos 2010, a presença de mulheres no rap cresceu significativamente, ainda que sua representação continue sendo desproporcional. Apesar disso, artistas como Abronca, AjuliaCosta, Ale du Black, Azzy, Bione, Bivolt, Bixarte, Boombeat, Budah, Clara Lima, Cristal, Cynthia Luz, Donadella, Dona Liberdade, Drik Barbosa, Duquesa, Ebony, Flora Matos, Iza Sabino, Jennyfi C, Kaê Guajajara, Karol Conká, Killua, Laura Sette, Laysa, Lívia Cruz, Mac Júlia, Margaridas, *MC Luana*, *MC Soffia*, Mona Brutal N.I.N.A, Nega Gizza, O.G Capitu, Pretta Soul, Ravia, Soulra, Tássia Reis, Tasha e Tracie, Versa, entre várias outras têm conquistado espaço e ampliado as narrativas do rap, trazendo perspectivas que desde racismo, desigualdade de gênero, violência, a empoderamento, amor próprio e variados temas.

Perrotti (2017) discute a mediação cultural e seu papel no empoderamento das pessoas, enfatizando que, ao facilitar o acesso e a troca de conhecimentos, o mediador contribui para que os indivíduos se tornem protagonistas de suas próprias histórias e agentes de mudança em suas comunidades. O protagonismo social surge a partir do momento em que o indivíduo tem acesso a informações que permitem uma compreensão crítica de sua realidade e, com isso, se posiciona ativamente em relação a questões que afetam sua vida e seu entorno. Essa capacidade de refletir e agir sobre

o próprio contexto social é um dos pilares do empoderamento e da transformação comunitária.

Ao utilizarem o rap como ferramenta de expressão, essas mulheres ressignificam experiências pessoais e coletivas, promovendo reflexão e mudança social. As letras dessas artistas vão além da denúncia de violências e desigualdades: elas também abordam autoestima, liberdade sexual, maternidade e saúde mental, frequentemente sob a perspectiva de mulheres negras e periféricas.

A luta por espaço no rap revela desafios internos significativos. Apesar de ser um gênero musical historicamente vinculado à resistência, ele também reproduz desigualdades estruturais da sociedade. Como pontua Durans (2015),

[...] as mulheres enfrentam o desafio de construir suas identidades e narrativas dentro de um movimento que, muitas vezes, reproduz as estruturas machistas presentes na sociedade mais ampla (Durans, 2015, p. 46).

Entre os principais desafios enfrentados pelas mulheres no rap, destacam-se a constante objetificação e sexualização de seus corpos, o assédio, a dificuldade em ser reconhecida pela competência técnica e criativa, a falta de visibilidade, investimento e valorização, além do preconceito que limita sua liberdade criativa. Esses obstáculos são relatados pela rapper **MC Shante** em entrevista concedida à Red Bull (Pimentel, 2019), quando afirma: “Eu sempre tenho que me desdobrar para provar que sou competente no que me proponho a fazer, enquanto um cara só precisa dizer que sabe fazer algo” (Pimentel, 2019, *n.p.*).

A desigualdade de gênero também se reflete na forma como a indústria musical e os meios de comunicação tratam as artistas femininas. O *reality show* “Nova Cena”, da *Netflix*, exemplifica essas dinâmicas. O programa, que acompanha a trajetória de rappers em desafios de criação e performance, ainda carrega uma expectativa implícita de que os homens são mais preparados para esse tipo de competição. Comentários de jurados frequentemente evidenciam surpresa com o desempenho de mulheres, o que reforça a subestimação do potencial feminino no gênero. Esse tipo de comportamento perpetua estereótipos e demonstra como o rap ainda carrega barreiras simbólicas que dificultam a consolidação da presença feminina.

No contexto desta pesquisa, o rap feito por mulheres surge não apenas como uma extensão da resistência inerente ao gênero, mas como uma força transformadora que amplia as discussões sobre desigualdade, empoderamento e representatividade.

Assim como o rap em geral desafiou as normas da música convencional, as artistas femininas utilizam o gênero para questionar os padrões patriarcais, trazendo perspectivas únicas e indispensáveis. A subseção que se segue aprofunda o papel das mulheres no rap, destacando como elas utilizam a música para construir uma resistência que é, ao mesmo tempo, cultural e social.

O rap feminino também revela as múltiplas camadas de opressão que afetam as mulheres, especialmente as negras e periféricas. A interseccionalidade, conceito de Kimberle Crenshaw (2002), fundamental nos estudos de gênero e raça, ajuda a compreender como diferentes formas de discriminação (como o machismo e o racismo) se entrelaçam para criar experiências únicas de exclusão. Além disso, o rap feminino tem o poder de educar. Muitas artistas utilizam suas músicas para conscientizar o público sobre questões sociais, desafiando estereótipos e promovendo a reflexão crítica. O impacto dessas narrativas vai além da música, influenciando debates mais amplos sobre gênero e desigualdade. O rap funciona como uma ferramenta de denúncia, oferecendo uma voz poderosa a quem, muitas vezes, é silenciado, como aponta Campos *et al.* (2021).

Apesar desses desafios, as mulheres seguem conquistando espaço no rap e transformando suas vivências em potentes narrativas de resistência. A indústria musical precisa repensar suas práticas para garantir maior equidade e inclusão. Investir em mulheres, ampliar sua visibilidade e combater preconceitos são passos essenciais para garantir que suas vozes sejam plenamente reconhecidas e valorizadas. Enquanto isso, as *MCs* continuam provando que o rap feminino é um ato de resistência, existência e revolução.

Vale destacar que, atualmente, os espaços de mediação da informação vão além das bibliotecas. Embora estas continuem sendo ambientes fundamentais para o acesso ao conhecimento, outras formas de circulação e apropriação da informação têm ganhado protagonismo, como redes sociais, plataformas de *streaming*, projetos culturais comunitários, coletivos artísticos e ambientes digitais. Esses espaços, muitas vezes autônomos e descentralizados, permitem que diferentes sujeitos expressem suas vivências, compartilhem saberes e construam identidades por meio da arte e da cultura.

## 4 METODOLOGIA

A pesquisa tem caráter exploratório, pois busca entender melhor um tema que ainda é pouco estudado: o rap como ferramenta de mediação cultural da informação, especialmente quando se fala da experiência de mulheres. Esse tipo de abordagem permite conhecer mais a fundo o assunto e levantar informações importantes para a área.

Foi utilizada uma metodologia qualitativa, que valoriza a interpretação dos dados e das vivências sociais representadas nas músicas. A principal técnica usada foi a análise documental. Nesse caso, o corpus da pesquisa é composto pelas músicas do álbum *Taurus, Vol. 2*, da artista Duquesa. As letras foram tratadas como registros simbólicos e culturais, que permitem compreender como o rap expressa experiências, promove reflexão e atua como ferramenta de mediação da informação.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento documental sobre o álbum *Taurus, Vol. 2*, da artista Duquesa, com o objetivo de identificar elementos de mediação cultural da informação presentes em sua obra musical. A partir da escuta atenta e da análise de todo o álbum, foram selecionadas quatro faixas para estudo mais aprofundado: “Ela (Intro)”, “Big D!!!! Pt. 2”, “Preto e Vermelho” e “Voo 1360”, considerando sua relevância temática em torno de cultura, gênero, afetividade e representação social.

Além da análise das músicas, foi utilizada a metodologia para observar a recepção do público e o engajamento nas plataformas digitais. Esse procedimento incluiu a observação do canal oficial da artista no YouTube, os comentários dos ouvintes e as descrições disponibilizadas nas plataformas de streaming, respeitando os princípios éticos da pesquisa em ambientes virtuais (Amaral, 2008).

A dimensão qualitativa permitiu explorar os significados simbólicos, culturais e sociais presentes nas faixas analisadas, investigando de que forma o rap atua como ferramenta de mediação cultural da informação. Já a dimensão quantitativa concentrou-se na análise do alcance das músicas, considerando dados como número de visualizações, curtidas e engajamento dos usuários no YouTube.

O levantamento evidenciou que, embora haja produções consistentes sobre mediação da informação e mediação cultural, o cruzamento com o rap ainda é escasso, sobretudo em abordagens que integram gênero, cultura periférica e práticas artísticas como instrumentos de mediação. Essa constatação reforça a originalidade

e a relevância da proposta deste trabalho ao contribuir para o avanço do debate sobre práticas culturais não hegemônicas no campo da Ciência da Informação.

Além do trabalho de Moura, Campos e Frota (2013), identificado na busca cruzada por “mediação” e “rap”, outras produções que tratam de “rap” em diálogo com “cultura” também foram localizadas. No entanto, grande parte dessas pesquisas tem foco em análises sociológicas, antropológicas ou da comunicação, com menor incidência de estudos centrados na Ciência da Informação. Ainda assim, sua leitura contribui para contextualizar o rap como fenômeno cultural complexo e multifacetado.

Esses estudos reforçam a relevância do rap como forma de expressão política, construção de identidades e compartilhamento de saberes nas periferias urbanas, mas raramente discutem os processos de mediação e apropriação da informação envolvidos nessas práticas. Ao identificar esse hiato, esta pesquisa se propõe a ocupar esse espaço, articulando o rap não apenas como objeto cultural, mas como ferramenta de mediação informacional crítica, com foco específico na experiência das mulheres.

O objetivo principal da pesquisa é analisar como o rap, por meio das músicas da artista Duquesa, atua como ferramenta de transformação social e mediação cultural da informação, promovendo o acesso à informação e ações protagonistas de mulheres em contextos de vulnerabilidade. Para isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos e os respectivos métodos:

**Quadro 1 – Objetivos específicos e métodos**

OBJETIVO ESPECÍFICO	MÉTODOS
Identificar músicas do álbum que abordem o contexto social das mulheres.	Identificação no YouTube e na plataforma Letras.mus.br: Realizar um levantamento de músicas do álbum <i>Taurus, vol. 2</i> de Duquesa disponíveis no YouTube e análise das letras através do site Letras.mus
Apontar elementos que evidenciem vivências e opressões no âmbito do rap.	Examinar as letras das músicas, categorizando temas relacionados ao cotidiano, opressões vividas e representações femininas.
Elencar os prêmios e ações protagonistas da artista Duquesa	Levantamento de premiações, reconhecimentos, entrevistas, eventos e colaborações relevantes da artista a partir dos descritores de buscas “prêmio” e “duquesa” na plataforma Google Notícias.
Examinar o papel do rap como promotor da tomada de consciência das mulheres	Analisar como Duquesa utiliza sua música para promover a mediação sobre a realidade social das mulheres.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2025).

#### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, com foco na análise de letras de músicas da artista Duquesa, visando compreender como suas produções abordam questões sociais relacionadas às mulheres. O levantamento inicial das informações foi realizado por meio de pesquisa, com observações na plataforma YouTube, e Letras.mus.br, para o acesso às letras, com o intuito de identificar obras com conteúdos significativos voltados à temática de gênero, desigualdade social e empoderamento feminino.

A análise das letras de música se trata de uma abordagem qualitativa, focada nas letras das músicas de Duquesa, visando identificar trechos que discutem questões de gênero, desigualdade, vivências cotidianas de mulheres, bem como as opressões estruturais que as atravessam.

Para a análise dos dados, adotou-se a descrição, na qual foi possível organizar e categorizar os dados a partir dos metadados: Título da faixa, Data de publicação, N° Visualizações, N° comentários e N° de curtidas. Essa abordagem favorece a compreensão do alcance de Duquesa, trazendo sentido para a representatividade das mulheres no âmbito do rap nacional contemporâneo.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente seção apresenta os dados coletados a partir da análise das composições de *Taurus*, vol. 2, evidenciando como esses elementos atuam como agentes de mediação cultural da informação, especialmente no contexto da luta das mulheres no rap e da construção de identidades.

**Quadro 2 – Discografia de Duquesa e álbuns**

TÍTULO	DATA DE PUBLICAÇÃO	Nº VISUALIZAÇÕES	Nº COMENTÁRIOS	Nº DE CURTIDAS
<b>TAURUS</b>				
Intro	1 de jul. de 2023	27.528	17	1mil
Classudona (part. Cronista do Morro)	1 de jul. de 2023	375.660	128	7,1mil
Taurus/Única	2 de jun. de 2023	5.758.914	1.411	85mil
99 Problemas	1 de jul. de 2023	10.663.681	1.254	132mil
Big D!!!!	1 de jul. de 2023	1.154.977	364	17mil
Glória	1 de jul. de 2023	176.687	116	4,3mil
Parece um Vampiro	1 de jul. de 2023	227.908	131	5,8mil
<b>TAURUS, VOL 2</b>				
Ela (Intro)	1 de mai. de 2024	154.293	272	7mil
Turma da Duq	11 de mai. de 2024	6.764.624	467	59mil
Big D!!!! Pt. 2	11 de mai. de 2024	1.244.275	183	13mil
Milionário e José Rico (part. Jovem Dex)	19 ago. 2024	205.788	95	3,7mil
Tá Eu e a Nicole	5 de abr. de 2024	1.349.439	621	não informado
Primeiro de Maio (Gostasas Inteligentes)	1 de dez. de 2023	1.697.351	476	31mil

TÍTULO	DATA DE PUBLICAÇÃO	Nº VISUALIZAÇÕES	Nº COMENTÁRIOS	Nº DE CURTIDAS
Disk P@#\$\$%&! (part. Tasha & Tracie)	11 de mai. de 2024	3.538.920	286	31mil
Vermelho e Preto	11 de mai. de 2024	196.582	76	3,3mil
Banco do Carona (part. Baco Exu do Blues)	11 de mai. de 2024	641.470	170	10mil
Só Um Flerte	11 de mai. de 2024	298.535	90	4,5mil
Purple Rain (part. Yunk Vino)	11 de mai. de 2024	8.387.099	679	69mil
Voo 1360	11 de mai. de 2024	110.910	112	2,5mil
Pose	11 de mai. de 2024	379.643	43	8,2mil

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O Quadro 1 apresenta a discografia da artista Duquesa com foco nos álbuns *Taurus* (2023) e *Taurus, Vol. 2* (2024), este último composto por faixas que evidenciam o amadurecimento artístico e o aprofundamento de temáticas relacionadas à identidade, afeto, empoderamento feminino e crítica social. Dentre as canções destacam-se “Ela (Intro)”, “Big D!!!! Pt. 2”, “Vermelho e Preto” e “Vôo 1360”, que foram objeto de análise nesta pesquisa. Os comentários selecionados de ouvintes no YouTube reforçam a função mediadora da obra de Duquesa, revelando processos de identificação emocional e transformação subjetiva. A partir das vivências narradas em suas letras, Duquesa promove diálogos profundos com seus públicos, estimulando a reflexão crítica sobre questões de gênero, saúde mental, afeto e vivência negra. Sua obra se consolida, assim, como um potente dispositivo de mediação cultural da informação no contexto da música periférica brasileira contemporânea.

**Quadro 3** - Ranking das músicas mais ouvidas do Álbum *Taurus, vol 2*

RANKING	MÚSICAS	Nº DE VISUALIZAÇÕES	COMENTÁRIOS
1	Purple Rain (part. Yunk Vino)	8.387.099	
2	Turma da Duq	6.764.624	

3	Disk P@#\$\$%&! (part. Tasha & Tracie)	3.538.920	
4	Tá Eu e a Nicole	1.349.439	
5	<b>Big D!!!! Pt. 2</b>	1.244.275	@thalesarantes2604 há 11 meses e salvou mesmo , graças a você , abandonei a miseria emocional , estou trabalhando e dando o melhor de mim no meu sagrado !
6	Primeiro de Maio (Gostasas Inteligentes)	1.697.351	
7	Banco do Carona (part. Baco Exu do Blues)	641.470	
8	Pose	379.643	
9	Só Um Flerte	298.535	
10	Milionário e José Rico (part. Jovem Dex)	205.788	
11	<b>Vermelho e Preto</b>	196.582	@CelestedeAcacioLuis há 1 mês Duquesa me fez deixar á insegurança de lado. Ela faz o que milhares tentaram

RANKING	MÚSICAS	Nº DE VISUALIZAÇÕES	COMENTÁRIOS
12	<b>Voo 1360</b>	110.910	@griopodcasts há 1 ano Eu ameeei essa música. Perfeitas demaaaais. O que mais me pegou nela é que eu nunca tinha conseguido expressar como sou com meus afetos, e é justamente assim "Me deixe um pouco só, só não esqueça de mim" Amo meu espaço e meu tempo sozinha, mas tbm quero que as pessoas que amo lembrem que eu exista e chegue perto.
13	<b>Ela (Intro)</b>	154.293	@railahellokitty há 1 ano "me identifico muito ainda mais que estou passando por uma fase dessas"

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Complementarmente, o levantamento apresentado no Quadro 2, com base nos dados de visualização do YouTube, permite uma leitura quantitativa do impacto das faixas do álbum *Taurus, Vol. 2* junto ao público digital. As músicas com maior número de visualizações, especialmente "Purple Rain", "Turma da Duq" e "Disk P@#\$\$%&!" destacam-se pelo alcance, engajamento e circulação nas redes, evidenciando a força das colaborações com artistas da cena nacional como Yunk Vino, Tasha & Tracie e Baco Exu do Blues. Tais parcerias potencializam a disseminação das faixas e refletem

as dinâmicas coletivas e simbólicas de resistência no contexto do *hip-hop* contemporâneo. Comentários como “me identifico muito ainda mais que estou passando por uma fase dessas” e “graças a você, abandonei a miséria emocional” evidenciam como as músicas da artista reverberam em experiências reais de escuta, reafirmando o rap como espaço de acolhimento, representação e resistência.

Por outro lado, é expressivo notar que faixas mais introspectivas, como “Ela (Intro)”, “Vermelho e Preto” e “Vôo 1360”, que abordam temas como racismo cotidiano, saúde mental e afetividade, figuram entre as menos visualizadas, apesar de sua profundidade temática. Um dado particularmente revelador é que “Ela (Intro)”, mesmo sendo uma das três faixas com videoclipe oficial, apresenta o menor número de visualizações, o que aponta para uma possível desconexão entre o teor das mensagens e os critérios de visibilidade nas plataformas digitais, fortemente guiadas por lógicas algorítmicas.

Esses dados levantam reflexões sobre como o consumo musical nas redes tende a privilegiar conteúdos com apelo visual e sonoro de fácil viralização, como refrões marcantes e batidas dançantes, em detrimento de produções mais densas ou emocionalmente complexas. Ainda assim, os comentários de ouvintes demonstram que há espaço para essas narrativas, revelando que parte do público se conecta intensamente com essas camadas mais profundas da obra.

Sob a ótica da mediação cultural da informação, o rap se revela não apenas como expressão artística, mas como espaço ativo de disputa simbólica e construção de sentidos. As músicas de Duquesa funcionam como canais de circulação de saberes, memórias e vivências sociais. A mediação promovida por sua obra ocorre tanto por meio do conteúdo simbólico das letras quanto pelas formas como suas canções são acessadas, apropriadas e reinterpretadas pelos ouvintes em seus contextos sociais e informacionais. Nesse processo, a escuta se transforma em uma experiência informacional que mobiliza afetos, saberes e práticas de resistência.

Portanto, ao articular dados qualitativos e quantitativos, reafirma-se a relevância de Duquesa como figura artística e mediadora cultural. Sua presença nas plataformas digitais e nos afetos de seu público amplia os limites do rap como campo de disputa de narrativas e como legítima fonte de informação, identidade e pertencimento.

A partir das vivências narradas em suas letras, Duquesa promove diálogos profundos com seus públicos, estimulando a reflexão crítica sobre questões de

gênero, saúde mental, afeto e vivência negra. Sua obra se consolida, assim, como um potente dispositivo de mediação cultural da informação no contexto da música periférica brasileira contemporânea. Ao promover a circulação de saberes informais e a valorização de vivências marginalizadas, Duquesa reafirma o papel transformador do rap como ferramenta crítica, educativa e informacional. Tais contribuições demonstram que sua atuação vai além do campo artístico, posicionando-a como uma importante mediadora cultural no cenário da informação, especialmente no que tange à ampliação de vozes femininas e periféricas nos espaços de produção e acesso ao conhecimento. É a partir desse entendimento que avançamos para as considerações finais desta pesquisa.

Na próxima subseção, iniciamos a análise com a primeira música introdutória do álbum, intitulada com “Ela”, Seguida por “Big D!!!! PT. 2”, “Vermelho e Preto”, bem como “Voo 1360”.

## 5.1 ELA (INTRO)

Letra:

Ela vem com uma mulher branca  
 Me olhando feio na loja  
 Ela vem como a velha Branca  
 Sempre segurando a bolsa  
 Ela vem como segurança  
 Me seguindo em toda a loja  
 Ela vem como um quadro  
 Se vier não tenho escolha  
 E que Deus me perdoe  
 Eu não tenho orado tanto  
 E que Deus me perdoe  
 Se eu sentir tanto ódio  
 Sei que sempre tento  
 E como eu tento  
 Eu penso tanto  
 Enquanto durmo peço  
 Que ele abrace os meus sonhos  
 E errei  
 Foi por amor  
 Mesmo que isso envolva ódio  
 Tentei e consegui  
 Tirar a venda dos meus olhos  
 Portas que abri  
 Eu descobri que era ruim quando eu adentrei  
 Portas que eu fechei  
 Só para tentar me garantir  
 Errei

Tudo que é meu me encontra  
 Tudo que é meu é certo  
 Tudo que é meu é meu  
 Ela pode brigar comigo  
 Ela pode me deixar perdida  
 Pode tentar até outra briga  
 Só não pode dizer que venceu  
 Yeah  
 Fracos não entram no most  
 Quero bis com a minha voz  
 Pareço um anjo dirigindo um carro forte  
 Yeah  
 Na barriga deles tem reis sem tronos  
 Minha guerra faz alguns perder sono  
 Não conto meus medos e nem meus sonhos  
 Meus inimigos não correm  
 São poucos  
 Meus inimigos não tocam  
 Só tentam  
 A carne é fraca o diabo atenta  
 Deus falando: Calma cê aguenta  
 Quem me é  
 Quem me é  
 Quem me vê (Duquesa, 2024)

A música “Ela (Intro)” traz uma forte crítica ao racismo que atinge mulheres negras em diferentes situações do cotidiano. Nos primeiros versos, Duquesa descreve cenas comuns de como o racismo estrutural atua: ser observada com desconfiança, seguida por seguranças e abordada injustamente. A repetição da frase “Ela vem como...” mostra como o racismo está presente em vários momentos da vida de mulheres negras..

Nesse contexto, a música se conecta à perspectiva de interseccionalidade formulada por Crenshaw (2002, p.171), que define como “a articulação de eixos de poder e de discriminação que estruturalmente produzem a opressão, destacando os eixos de racismo, patriarcado e a estrutura de classe”, ou seja, é quando diferentes formas de opressão (como racismo, machismo e pobreza) se cruzam e aumentam a desigualdade de maneira mais profunda.

Partindo do entendimento do que é racismo para Silva, Laurindo e Silva (2022, p. 4):

O racismo representa a convicção que o grupo hegemônico construiu a partir da implementação da ideia de raça, de que existe a superioridade desse primeiro em relação a outros grupos étnico-raciais criados pelo discurso hegemônico como ‘inferiores’

entendemos que o racismo surgiu a partir de grupos dominantes e suas percepções (distorcidas) de superioridade.

O trecho “E que Deus me perdoe / Se eu sentir tanto ódio” mostra o conflito emocional de quem sofre injustiças todos os dias, mas é cobrada a ser sempre forte e calma, a luta para manter a resiliência diante das múltiplas violências simbólicas e estruturais que atravessam seus corpos e trajetórias. Sueli Carneiro (2003, p. 119) reforça essa ideia ao afirmar que a mulher negra sofre “uma tripla discriminação: por ser mulher, por ser negra e por ser pobre” (p. 119). Essa reflexão dialoga com o pensamento de Carneiro (2003), ao afirmar que o feminismo negro é o lugar onde as mulheres negras se autorizam a sentir, a se indignar e a elaborar discursos que partem de suas dores, mas que não se limitam a elas, transformando sofrimento em ação crítica, artística e política.

Quando Duquesa diz “Tentei e consegui / Tirar a venda dos meus olhos”, ela fala de um momento de compreensão, quando passou a enxergar a realidade com mais consciência. A seguir, ela afirma sua força e resistência: “Tudo que é meu me encontra / Tudo que é meu é certo / Tudo que é meu é meu”. Essa é uma mensagem de **autoestima** e **valorização da própria trajetória**, mesmo com todos os obstáculos. Ela reivindica sua própria história, recusando-se a permitir que as estruturas sociais racistas determinem seu destino. Essa **confiança** também se reflete na parte “Fracos não entram no most / Quero bis com a minha voz”, onde a artista reforça seu lugar no rap e sua luta para se manter firme em um mercado dominado por homens.

O final da música traz um tom de desafio e reflexão espiritual. “A carne é fraca, o diabo atenta / Deus falando: Calma, cê aguenta” mostra que, mesmo diante de adversidades, a artista encontra força para continuar sua jornada.

Essa música atua como ferramenta de mediação cultural da informação, pois transforma vivências em conteúdo simbólico e informativo. Isso se alinha à ideia de que “a mediação da informação amplia e consolida as discussões no que tange à importância do usuário da informação no processo” (Santos Neto; Almeida Júnior, 2014, p. 1243). Através de sua arte, Duquesa proporciona reflexão crítica e visibilidade a realidades pouco retratadas nos meios tradicionais.

## 5.2 BIG D!!!! PT. 2

Letra:

Yeah, yeah (ah, que não sei o que, cheia de ódio)  
 Yeah (hoje eu vou fazer essa música cheia de ódio)  
 Os meus problemas são como uma Hidra  
 Resolvo um e me vem duas piores ainda  
 Dizem: Duquesa é foda, é a aposta, eu concordo  
 Então forte abraço pra quem subestima, uh  
 Uma estratégia milionária, eu falei para o KJ  
 Pra confiar no meus plano, que eu assumia a resposta  
 Saí de casa, do meu bairro e do meu estado  
 Não pensa que eu sou boba, eu só me faço pros otário  
 Eu quero seu carro, sua mansão e sua grana  
 Tá devendo, então me paga, e seus fãs que fale baixo  
 Isso aqui é pros falido que ainda tão falido  
 Alguns já tão esquecido e continua lucrando nada  
 Sempre vai ter um *broke boy* tentando mastigar seu sonho  
 Sempre vai ter uma serpente te chamando de amiga  
 Sempre vai ter um contrato que parece até bonito  
 Sempre vai ter um esperto tentando fuder sua vida (Duquesa, 2024,  
*n.p.*)

Na metáfora presente no trecho “Os meus problemas são como uma Hidra / Resolvo um e me vem duas piores ainda” revela uma percepção realista e simbólica da opressão estrutural: ao resolver um problema, outros ressurgem. Essa ideia está conectada ao conceito de violência sistêmica, que se atualiza em novas formas, mesmo após aparente superação. O verso traduz o cotidiano de sobrecarga vivido por mulheres negras, que, segundo Carneiro (2003), enfrentam não só racismo e sexismo, mas também desigualdades históricas de classe que tornam sua jornada ainda mais pesada.

A artista também denuncia as armadilhas da indústria musical. Em “Sempre vai ter um contrato que parece até bonito / Sempre vai ter um esperto tentando fuder sua vida”, Duquesa mostra como as promessas de ascensão podem mascarar estruturas de exploração. Essa crítica se alinha à noção de capitalismo cultural, em que corpos negros são consumidos, mas não valorizados como sujeitos plenos. Duquesa revela que o sistema tenta domesticar sua potência, oferecendo contratos aparentemente vantajosos que, na prática, aprisionam a liberdade criativa e financeira dos artistas.

Duquesa canta de um lugar onde esses eixos se cruzam com força: o cenário musical, onde gênero, cor e origem social ainda definem quem ocupa o topo e quem fica à margem, voltando pra ideia de interseccionalidade. A **autonomia financeira** é outro ponto central da narrativa: “Primeiro cê foca no lucro, pra depois focar no fútil”. Aqui, a artista inverte a lógica consumista que muitas vezes ronda o rap, propondo

uma ética da sobrevivência. A frase carrega uma pedagogia prática: é preciso se estruturar para, só depois, acessar os desejos supérfluos.

O refrão “Sempre vai ter um *broke boy* tentando mastigar seu sonho / Sempre vai ter uma serpente te chamando de amiga” reforça o alerta constante que mulheres negras precisam manter. A repetição da expressão “sempre vai ter” evidencia um ciclo de opressões simbólicas e traições afetivas que cercam a artista. O termo “*broke boy*”, em particular, ironiza a masculinidade frágil que, mesmo sem estrutura ou proposta, tenta sabotar o sucesso feminino. Já a figura da “serpente amiga” denuncia as rivalidades forçadas e os laços corrompidos em ambientes de escassez e competição, especialmente entre mulheres racializadas.

Essa postura crítica de Duquesa se articula com o conceito de mediação cultural. Assim como outras práticas culturais negras, a canção de Duquesa realiza uma mediação simbólica que oferece informação, reflexão e afirmação. Sua vivência vira ferramenta pedagógica e modelo de enfrentamento coletivo.

“Big D!!!! Pt. 2” é, portanto, mais que um desabafo, é um **manifesto em forma de música de resiliência e estratégia feminina**. Ela reafirma que o rap, quando feito por mulheres negras conscientes de sua posição no mundo, pode se tornar um território político, educativo e estético. A canção ensina a resistir com estratégia, denunciar com lirismo e seguir com firmeza, apesar de todas as “Hidras” do caminho. Em termos informacionais, funciona como um dispositivo de conhecimento marginal, que transmite saberes construídos na vivência e na rua, mas que são tão complexos quanto qualquer teoria acadêmica

### 5.3 VERMELHO E PRETO

Letra:

Se eu te broto na minha frente  
Toma, toma, toma, toma, uh  
Yeah  
Se brota na minha frente, to, uh  
Yeah  
Gostosa na capa da Billboard  
Meu óculos vintage Dior  
E ele sabe que eu sou a melhor  
Sempre chamo atenção por onde vou  
Por onde eu passo sempre vejo cópia  
Cor vermelho e preto  
Por que toda vez que eu chego  
Sempre sinto cheiro de puta com medo?

Não queira ser eu  
 Porque você sabe bem que não poderia  
 Tem que ser mais que gostosa  
 Tem que ter tempo de pista  
 Tem que ser mais que bonita  
 Tem que ter um plano em vista  
 Tem que ser bem mais que bunda  
 Você parece perdida  
 Tenho 6 no meu jogo  
 Um alvo na mira  
 E uma amiga traíra  
 E uma carta na manga  
 (Ela acha que a gente não sabe, mas a gente tá ligada)  
 Se brota na minha frente  
 Tu toma, toma, toma, toma  
 Se eu tô, a casa pega fogo  
 E o bonde conta, conta, conta  
 Se brota na minha frente  
 Tu toma, toma, toma, toma  
 Se eu tô, a casa pega fogo  
 E o bonde conta, conta, conta  
 Tenho um álbum novo  
 Um flow miserável  
 Ainda mais bonita  
 Cada vez mais ágil  
 Naturalmente, eu sou grande  
 É foda que me ver ainda é mais inevitável  
 Te ignorar é fácil, é fácil  
 Te passar é tão óbvio  
 Passo por cima sem carinho  
 Se você chorar, não tenho remorso  
 Se brota na minha frente  
 Tu toma, toma, toma, toma  
 Se eu tô, a casa pega fogo  
 E o bonde conta, conta, conta  
 Se brota na minha frente  
 Tu toma, toma, toma, toma  
 Se eu tô, a casa pega fogo  
 E o bonde conta, conta, conta (Duquesa, 2024, *n.p.*)

A faixa “Vermelho e Preto”, oitava música do álbum *Taurus, Vol. 2*, é uma das mais intensas e afirmativas da obra. Duquesa adota uma estética agressiva e desafiadora para construir uma narrativa de autoafirmação e superioridade simbólica, expressando sua força no universo do rap com confiança e presença. A escolha das cores do título já carrega simbolismos marcantes: o vermelho e o preto são cores tradicionalmente associadas à potência, à luta, ao perigo e à resistência. Elas também remetem à identidade visual do próprio álbum, cujo nome, *Taurus*, faz alusão ao signo da artista, conhecido por traços como firmeza, lealdade e persistência.

Logo nos primeiros versos, a artista adota um tom de confronto: “Se eu te broto na minha frente / Toma, toma, toma, toma”. Essa repetição cria uma atmosfera de embate, comum em estilos como o trap e o rap de batalha, onde o enfrentamento verbal é uma estratégia de marcar território. Aqui, o “broto na frente” é menos sobre um inimigo direto e mais sobre qualquer um que ouse desafiar sua posição, e ela responde com força.

Duquesa trabalha o **empoderamento da mulher negra**, articulando **linguagem estética, sucesso e posicionamento político**. Em “Gostosa na capa da Billboard / Meu óculos vintage Dior”, ela une sensualidade, visibilidade e consumo de luxo para reafirmar que pode ocupar espaços de destaque, como capas de revistas e premiações, sem abrir mão da sua identidade negra e periférica. Trata-se de uma reapropriação da imagem: não mais como objeto, mas como sujeito ativo da própria narrativa.

Nesse sentido, empoderar-se é um processo que envolve não apenas o fortalecimento individual, mas também a consciência coletiva e a ação política. Como afirma Sardenberg (2018, p. 18), o empoderamento de mulheres “implica mudanças na distribuição do poder, tanto no nível das relações interpessoais quanto nas instituições da sociedade”, promovendo autonomia e transformação social.

Ao cantar “Por onde eu passo sempre vejo cópia / Cor vermelho e preto”, ela afirma sua originalidade e influência, indicando que outras artistas tentam imitá-la, mas não conseguem reproduzir sua essência. O uso da palavra “cópia” reforça sua singularidade artística, enquanto as cores funcionam como marca registrada de sua estética e personalidade.

Nos versos “Não queira ser eu / Porque você sabe bem que não poderia”, Duquesa evidencia que sua trajetória exige mais do que aparência ou estilo: ela requer vivência, resistência e estratégia. Em “Tem que ser mais que gostosa / Tem que ter tempo de pista”, ela critica a superficialidade que muitas vezes se impõe às mulheres no rap, sugerindo que, para se manter relevante, é preciso consistência e estrada. Esse posicionamento se alinha com o que Carneiro (2003, p. 120) afirma sobre a experiência da mulher negra como “portadora de saberes não reconhecidos pelas estruturas tradicionais”, saberes construídos na prática e na sobrevivência, enquanto critica o sexismo e afirma sua identidade.

A artista também revela um olhar atento às armadilhas do meio em que está inserida. A frase “uma amiga traíra e uma carta na manga” sugere que, mesmo

cercada de aparente sucesso, ela precisa manter a vigilância e sempre ter um plano B. Isso reflete o que Crenshaw (2002) chama de “interseccionalidade estrutural”, pois as mulheres negras enfrentam não apenas a opressão de fora, mas também conflitos internos e entre pares, resultado das tensões geradas por um sistema desigual.

No refrão “Se brota na minha frente / Tu toma, toma, toma, toma” a repetição intensa do verbo “tomar” assume um tom performático. Não é apenas um aviso: é uma marca sonora que estabelece domínio e reafirma sua força, como se cada “toma” fosse um golpe simbólico contra quem tenta freá-la.

Mais adiante, em “Tenho um álbum novo / Um flow miserável / Ainda mais bonita / Cada vez mais ágil”, Duquesa celebra sua evolução pessoal e artística. O termo “flow miserável”, longe de ser negativo, funciona como um elogio invertido, típico do rap, significando que sua habilidade de rimar é destruidora e inconfundível. A associação com beleza e agilidade completa a imagem de uma artista que não apenas se mantém no jogo, mas cresce com ele.

O verso final “Te ignorar é fácil, é fácil / Te passar é tão óbvio / Passo por cima sem carinho / Se você chorar, não tenho remorso” reforça a frieza e a objetividade com que ela lida com seus obstáculos. Não há espaço para culpa ou hesitação; sua trajetória exige foco, e ela está disposta a manter esse caminho, mesmo que isso incomode.

A música, portanto, vai além da ostentação. É uma construção simbólica de **poder, inteligência emocional, estética e sobrevivência**, feita por uma mulher negra que compreende as armadilhas do meio e não se deixa iludir. Como aponta Perrotti (2017), a mediação cultural é um processo que amplia os repertórios simbólicos e fortalece identidades em disputa. Duquesa, com “Vermelho e Preto”, oferece exatamente isso: um discurso poderoso que informa, inspira e mobiliza, operando como instrumento de mediação entre o seu mundo e o de quem a ouve.

#### 5.4 VOO 1360

Letra:

Yeah  
 Ainda me sinto a mesma  
 Com novo jeito, novo medo, outro cabelo, um novo saldo  
 Muita fome, agora com um novo nome, muita gente, muito grande  
 Madrugada tende ser mais fria, o meu voo é o 1360  
 Sempre tô cansada e o cansaço é culpado de acabar com ego  
 Até as mais brutas precisam de denogo

Quando eu dormi? Não lembro  
 Quando não pensei? Não lembro  
 A volta é sempre um céu cinzento, yeah  
 Quantos mares atravesso  
 Quantas dores que me atravessam  
 Quantos dizem que eu me atrevo  
 Para cada pergunta, tenho uma resposta certa  
 Mesmo que ela não exista, então eu invento  
 Essa rotina me estressa, a vida é movimento  
 Essa galera tão estranha movida a dinheiro  
 Flash, cash (uh)  
 Me deixe só  
 Me deixe um pouco só, só não esqueça de mim  
 De mim, yeah  
 Me deixe um pouco só, só não esqueça de mim  
 De mim (yeah)  
 E eu busco refúgio, esqueço que sou templo  
 Eu faço milagre, esqueço que eu peço  
 Gosto mais dos meus erros quando aprendo  
 Do que as minhas vitórias mesmo quando acerto  
 Li o roteiro da minha vida, mudei minha rota  
 Respondi: Não quero  
 Eu não peço, eu mando  
 Eu não espero, eu pego  
 Eu não suponho, eu sinto, eu vejo  
 Eu não amo fácil (difícil de lidar)  
 Eu não amo fácil (eu não sou tão fácil)  
 Eu não amo fácil (difícil de lidar)  
 Eu não amo fácil (eu não sou tão fácil)  
 Eu não amo fácil (difícil de lidar)  
 Eu não amo fácil (eu não sou tão fácil)  
 Eu não amo fácil (eu não sou tão fácil)  
 Me deixe só  
 Me deixe um pouco só, só não esqueça de mim  
 De mim, yeah  
 Me deixe um pouco só, só não esqueça de mim  
 De mim, yeah (Duquesa, 2024, *n.p.*)

A música “Voo 1360”, penúltima faixa do álbum *Taurus, Vol. 2*, apresenta uma atmosfera sensível e reflexiva, marcando um ponto de virada emocional dentro da narrativa construída por Duquesa. Se nas músicas anteriores a artista se apresenta com firmeza e enfrentamento, aqui ela permite que a vulnerabilidade e o silêncio ganhem espaço, sem que isso diminua sua força, pelo contrário, reforça sua complexidade como sujeito.

Logo no início, Duquesa aponta para transformações pessoais e profissionais: “Com novo jeito, novo medo, outro cabelo, um novo saldo”. A multiplicidade de mudanças indica uma trajetória de crescimento, mas também de instabilidade emocional. Isso expressa um fenômeno comum na vida de artistas negros periféricos,

para quem a ascensão social não significa necessariamente acolhimento emocional. Como aponta Carneiro (2003, p 122), a mulher negra “se depara com um acúmulo de papéis e expectativas que nem sempre respeitam seus tempos subjetivos e emocionais” .

O verso “Madrugada tende a ser mais fria, o meu voo é o 1360” simboliza a solidão e o desgaste que acompanham a rotina artística. A ideia de voo remete a deslocamentos constantes, mas também à sensação de não pertencimento, de estar sempre entre partidas e chegadas. Há aqui uma construção de subjetividade em trânsito, marcada por movimento físico e introspecção.

Quando a artista questiona “Quando eu dormi? Não lembro / Quando não pensei? Não lembro”, ela explicita a exaustão mental provocada pela rotina intensa e pelas cobranças internas e externas. A sequência “A volta é sempre um céu cinzento” indica que, mesmo ao retornar, a sensação não é de acolhimento, mas de neutralidade emocional como se o sucesso fosse incapaz de preencher a lacuna da solidão.

A repetição de perguntas retóricas “Quantos mares atravesso? Quantas dores que me atravessam?” reforça a ideia de travessias simbólicas e afetivas. Aqui, o “mar” é também metáfora das distâncias emocionais e dos limites que precisa ultrapassar para continuar existindo artisticamente. Duquesa afirma: “Para cada pergunta, tenho uma resposta certa / Mesmo que ela não exista, então eu invento”, revelando que, muitas vezes, sobreviver é também criar respostas inventadas, estratégias subjetivas para sustentar o próprio equilíbrio.

Esse processo de reinvenção contínua está diretamente ligado ao que Perrotti (2017) entende por mediação cultural: não apenas como o ato de transmitir conteúdos, mas como um processo que “possibilita a ampliação dos repertórios simbólicos e a criação de sentidos partilhados” (p. 3). Em Voo 1360, Duquesa compartilha vivências emocionais profundas, e com isso promove a circulação de saberes sensíveis que são, muitas vezes, invisibilizados nas narrativas sobre artistas negros.

Ao trazer para o centro de suas letras experiências afetivas, subjetivas e sociais de uma mulher negra periférica, sua obra reafirma que a mediação cultural também é atravessada por marcadores como gênero, raça e território, sendo uma prática que articula resistência, representatividade e afirmação de identidades.

Ao criticar o ambiente à sua volta “Essa galera tão estranha movida a dinheiro / Flash, cash” , a artista revela seu incômodo com o materialismo e com a busca vazia por status, que muitas vezes caracterizam a indústria musical. Em contraste, sua

busca é por significado, e não por aparência. Isso se articula com a crítica de hooks (2019), que defende uma cultura contra-hegemônica baseada em amor, verdade e transformação.

O refrão “Me deixe um pouco só, só não esqueça de mim” sintetiza uma ambiguidade essencial: a necessidade de recolhimento sem desaparecer da memória afetiva das pessoas. Esse desejo de afastamento com permanência evidencia a complexidade da subjetividade negra em espaços públicos, onde é preciso “sumir para se proteger, mas não ser esquecido para permanecer”. Não se trata de medo da irrelevância, mas de um pedido por respeito ao seu tempo e sensibilidade.

Outro trecho forte da canção, “E eu busco refúgio, esqueço que sou templo / Eu faço milagre, esqueço que eu peço”, dialoga com a ideia de autocuidado e espiritualidade. A artista se reconhece como força e abrigo, mas também como humana e falível. A afirmação “Eu não amo fácil (difícil de lidar)” revela uma afetividade marcada por filtros, experiências anteriores e proteção emocional. O amor aqui não é romantizado; ele é pensado como vínculo real, que precisa ser merecido, construído e respeitado. Esse posicionamento revela que o afeto, para mulheres negras, também pode ser estratégico, uma forma de manter a dignidade emocional intacta em contextos de exploração e abandono.

Ao final, a música revela o cansaço de quem segue forte, mas deseja pausa, acolhimento e paz. *Voo 1360* se destaca por sua delicadeza lírica, mas principalmente por oferecer uma perspectiva humanizada da mulher negra artista, que existe para além da resistência. Duquesa constrói, assim, um espaço simbólico de respiro e verdade, onde é possível ser frágil sem ser menor, e onde o silêncio comunica tanto quanto o grito, passeando pelas temáticas de **afeto, saúde mental e solitude**.

Essas camadas emocionais e simbólicas presentes nas faixas analisadas do álbum *Taurus, Vol. 2* revelam a potência do rap como expressão artística e como instrumento de mediação informacional, especialmente quando articulado a narrativas femininas e periféricas. Ao mergulhar na subjetividade da artista, a análise evidencia como suas composições operam tanto no plano individual quanto no coletivo, criando pontos de identificação e resistência para outras mulheres em contextos semelhantes. No entanto, para compreender com maior profundidade o alcance e a complexidade desse fenômeno, é necessário reconhecer algumas limitações inerentes ao recorte adotado nesta pesquisa.

A análise concentrou-se em apenas quatro faixas do álbum *Taurus, Vol. 2*, o que naturalmente restringe uma visão mais ampla da obra de Duquesa. Embora essas músicas ofereçam um panorama significativo de suas temáticas e estilo, é importante reconhecer que o álbum como um todo e até mesmo outras produções anteriores ou posteriores da artista podem conter elementos igualmente relevantes para o entendimento da mediação cultural promovida por seu trabalho.

Ainda assim, a análise realizada permite observar como as composições de Duquesa funcionam como dispositivos de mediação informacional e cultural. Ao abordar temas como feminismo negro, afetividade, autocuidado e crítica social, a artista atua como vetor de disseminação de saberes periféricos e ancestrais, dialogando com públicos que compartilham ou se sensibilizam com essas vivências.

O feminismo negro, neste contexto, é uma vertente teórica e política que emerge da vivência e da luta das mulheres negras, historicamente invisibilizadas tanto pelo movimento feminista tradicional quanto pelo movimento negro. Essa perspectiva compreende que não é possível dissociar as opressões de gênero e de raça, uma vez que elas se entrelaçam de maneira concreta na vida das mulheres negras. Como explicam Côrtes e Silva (2023, p. 252), “o feminismo negro teve um importante papel na sistematização das principais ideias da interseccionalidade durante as décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos”. A interseccionalidade, nesse sentido, é um conceito-chave que evidencia como diferentes formas de opressão, como o racismo, o machismo e a desigualdade social se sobrepõem e se reforçam mutuamente.

As autoras também destacam que o feminismo negro denuncia o racismo presente no feminismo hegemônico e o machismo dentro do movimento negro, afirmando que “embora a luta dos movimentos feministas hegemônicos fosse pautada no combate ao machismo, havia no seio desse movimento práticas de racismo” (Côrtes; Silva, 2023, p. 252). Assim, essa vertente propõe uma luta mais ampla e interseccional, ancorada nas experiências concretas das mulheres negras.

Na obra de Duquesa, essas ideias aparecem de forma nítida em suas letras, que abordam questões como racismo, resistência, autoestima, empoderamento e vivências femininas negras. Ao dar visibilidade a essas experiências, a artista atua como mediadora cultural e contribui para a construção de novas narrativas no rap, alinhadas aos princípios do feminismo negro e à valorização de identidades periféricas.

Segundo Machado e Prado (2010), “o rap é um meio de expressão para os jovens e é dessa forma que eles fazem seus discursos contundentes e questionadores sobre suas condições sociais, econômicas, culturais e educacionais” (Machado; Prado, 2010, p. 51). Essa característica torna o rap um território simbólico fértil para a expressão de vivências historicamente marginalizadas.

Essa abordagem também está alinhada à concepção de protagonismo cultural proposta por Perrotti (2017), ao afirmar que “o protagonismo cultural articula-se diretamente à ideia de construção e afirmação do espaço público, por sujeitos que lutam para superar interesses despóticos que ameaçam a sobrevivência da polis” (Perrotti, 2017, p. 12). Quando uma mulher periférica se apropria do microfone para narrar sua história, ela rompe silêncios estruturais e disputa a memória coletiva com sua própria narrativa.

Nesse sentido, as letras de Duquesa operam como mediações informacionais que conectam o conhecimento de mundo da artista com o de seus ouvintes, provocando ressignificações tanto individuais quanto coletivas. A escuta, nesse contexto, transforma-se também em ato político. Segundo Ribeiro e Almeida Júnior (2022, p. 3), “a informação carrega signos e significados que, apropriados pelo usuário, potencializam a ressignificação”.

Portanto, a análise dessas faixas reforça a importância do rap como mediador cultural e informacional, ampliando o debate sobre o papel das mulheres no *hip-hop* e sua contribuição para a construção de uma sociedade mais equitativa. A presença de Duquesa no cenário musical vai além do entretenimento: ela se posiciona como instrumento de transformação social e de fortalecimento de narrativas periféricas. Seu trabalho, ao lado de outras artistas do rap nacional, consolida o gênero como um espaço legítimo de resistência, debate e empoderamento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo reafirma a potência do rap como ferramenta de mediação cultural da informação e de transformação social. Por meio da análise de quatro músicas da artista Duquesa, foi possível compreender como o gênero ultrapassa sua dimensão estética, operando como espaço de construção de saberes, afirmação de identidades e denúncia das desigualdades estruturais.

As composições analisadas revelam um discurso comprometido com o empoderamento de mulheres negras e periféricas, articulando afetividade, resistência e ancestralidade. Duquesa transforma suas vivências em narrativas artísticas que promovem reconhecimento, pertencimento e reflexão crítica, especialmente sobre questões de gênero, raça e classe. Essa atuação a posiciona como mediadora cultural que, por meio da arte, democratiza o acesso à informação e valoriza os saberes populares.

A pesquisa também demonstrou que a mediação da informação não se limita aos espaços institucionais. Ela se manifesta nas práticas culturais do cotidiano, nos discursos musicais e nos ambientes digitais. O rap, nesse contexto, configura-se como linguagem informacional legítima e potente, capaz de ampliar horizontes e provocar deslocamentos sociais.

A delimitação da pesquisa a um único álbum e a uma artista foi uma escolha metodológica necessária para garantir a exequibilidade dentro do contexto de um trabalho de conclusão de curso. Ainda assim, aponta para a importância de estudos futuros que ampliem esse olhar. Outras vozes femininas do rap brasileiro, assim como a recepção dessas músicas por diferentes públicos, representam campos fecundos para novas investigações.

Conclui-se, portanto, que o rap, ao ser analisado sob a perspectiva da mediação cultural da informação, reafirma seu papel como instrumento de resistência, expressão política e construção coletiva de conhecimento. A trajetória de Duquesa exemplifica como a arte pode ser um canal de transformação e inclusão, contribuindo para uma Biblioteconomia e Ciência da Informação mais sensível às dinâmicas culturais e sociais das periferias.

Dessa forma, futuras pesquisas poderão expandir esta abordagem, seja analisando outras faixas da discografia de Duquesa, seja incluindo outras vozes femininas no rap brasileiro. Esse caminho poderá contribuir para uma compreensão

mais plural e aprofundada das narrativas que se articulam dentro do gênero, especialmente aquelas vinculadas a experiências de resistência, identidade e pertencimento.

Além disso, aspectos como a recepção da música pelo público, sua circulação nas mídias e seu impacto na indústria fonográfica permanecem como pontos relevantes a serem explorados. Questões como: *De que forma o discurso de Duquesa encoraja outras mulheres a ingressarem no rap?* ou *Como suas letras ressoam em diferentes públicos e contextos sociais?* tornam-se fundamentais para ampliar o campo investigativo. Essas perguntas abrem possibilidades para novos estudos que abordem, de maneira mais ampla, o poder transformador do rap feito por mulheres enquanto prática cultural e informacional.

## REFERÊNCIAS

A GAZETA. Capixabas despontam na categoria Prestatenção do MTV MIAW 2021.

**A gazeta**, 21 ago. 2021. Disponível em:

<https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/capixabas-despontam-na-categoria-prestatacao-do-mtv-miaw-2021-0821>. Acesso em: 23 jun. 2025.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Ação cultural e protagonismo social. *In*: GOMES, H. F.; NOVO, H. F. (orgs.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 45–58. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33742/1/informacao-e-protagonismo-social-RI.pdf>. Acesso em 05 de jul. 2023.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens.

**Pesquisa em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.

Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/119750>. Acesso em: 03 jul. 2023.

ALÔ ALÔ BAHIA. De Feira de Santana, Duquesa marca presença no BET Awards 2025 e celebra vitória brasileira na premiação. **Alô Alô Bahia**, Salvador, 10 jun. 2025. Disponível em:

<https://aloalobahia.com/noticias/2025/06/10/de-feira-de-santana-duquesa-marca-presenca-no-bet-awards-2025-e-celebra-vitoria-brasileira-na-premiacao/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

ALÔ ALÔ BAHIA. Rapper baiana Duquesa é indicada ao BET Awards 2024: “Acho que ainda estou sonhando”.

**Alô Alô Bahia**, Salvador, 17 maio 2024. Disponível em:

<https://aloalobahia.com/noticias/2024/05/17/rapper-baiana-duquesa-e-indicada-ao-bet-awards-2024-acho-que-ainda-estou-sonhando/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CAMPOS, A. C. *et al.* Isso que é música: elitismo cultural no Brasil. Revista

Pensamento Contemporâneo em Administração, **Niterói**, v. 15, n. 2, 2021.

Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/50686>. Acesso em: 08 dez. 2024.

CNN BRASIL. Luísa Sonza, Liniker e Ludmilla são consagradas no Women’s Music Event. **CNN Brasil**, 19 out. 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/luisa-sonza-liniker-e-ludmilla-sao-consagradas-no-womens-music-event/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CÔRTEZ, G. R. A categoria analítica gênero e os movimentos feministas: diálogos na Ciência da Informação. **Revista Conhecimento em ação**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 1-37, 2024. Disponível em:

<https://doi.org/10.47681/rca.v9i.64409>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CÔRTEZ, G. R.; SILVA, A. R. da. Feminismo negro, interseccionalidade e mediação da informação. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Juazeiro do Norte, v. 9, n. 2, p. 242–268, maio/ago. 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/1185/822>. Acesso em: 28 maio 2025.

CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *In*: ONU MULHERES. **Violência e desigualdade de gênero**: um olhar interseccional. Brasília: ONU Mulheres, 2002. p. 135–146. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em 25 maio de 2025.

CULTURA PRETA. Duquesa vence Prêmio Potências na categoria “Revelação do Ano”. **Cultura Preta**, 07 nov. 2024. Disponível em:

<https://culturapreta.com/2024/11/07/duquesa-vence-premio-potencias-na-categoria-revelacao-do-ano/>. Acesso em: 23 jun. 2025.

CUNHA, M. T. de A.; VIEIRA, E. D. A cidade, palco de tensões e ocupações criativas no espaço: experiências de jovens moradores de periferias. **Revista Brasileira De Psicodrama**, [S.l.], v. 31, 2023. Disponível em:

<https://humanas.blog.scielo.org/blog/2023/10/27/experiencias-de-jovens-perifericos>.

Acesso em: 14 dez. 2024.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo?. **PRISMA.COM**, [S. l.], n. 4, p. 4–37, 2007. Disponível em:

<https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2100>. Acesso em: 11 jul.

2025.

DUQUESA. **ELA (Intro)**. Composição: Duquesa. Rio de Janeiro: Boogie Naípe, 2024. 1 áudio (2 min 38 s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=louZkIIWINM>. Acesso em: 24 maio 2025.

DUQUESA. **Big D!!!! Pt.2**. Composição: Duquesa. Rio de Janeiro: Boogie Naípe, 2024. 1 áudio (2 min 20 s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=FloyiS21ufc>. Acesso em: 24 maio 2025.

DUQUESA. **Vermelho e Preto**. Composição: Duquesa. Rio de Janeiro: Boogie Naípe, 2024. 1 áudio (2 min 19 s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=SAeNKrVCnng>. Acesso em: 24 maio 2025.

DUQUESA. **Voo 1360**. Composição: Duquesa. Rio de Janeiro: Boogie Naípe, 2024. 1 áudio (2 min 25 s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=BKNa9udQhel&pp=ygUldm9vIDEzNjA%3D>.

Acesso em: 24 maio 2025.

DURANS, C. A. **Uma análise da participação e representação da mulher no hip-hop maranhense**: o Núcleo de Mulheres "Preta Anastácia". 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015. Disponível em:

<https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/1290/2/Claudimar%20Alves%20Durans.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2024.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**: selected essays. New York: Basic Books, 1973.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 46-59, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Informacao/article/view/24567>. Acesso em: 12 nov. 2024.

GSHOW. Prêmio Multishow 2024: *veja lista de vencedores*. **Multishow**, 07 nov. 2024. Disponível em: <https://gshow.globo.com/multishow/premio-multishow/2024/noticia/premio-multishow-2024-veja-lista-de-vencedores.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2025.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

ITAÚ CULTURAL. Rap e funk nos números da indústria cultural. **Itaú Cultural**, 2024. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/revista-observatorio/rap-funk-numeros-industria-cultural>. Acesso em: 24 dez. 2024.

JORNAL DA USP. Relatório da OCDE mostra que brasileiros são os piores em identificar notícias falsas. **Jornal da USP**: São Paulo, 21 maio 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/relatorio-da-ocde-mostra-que-brasileiros-sao-os-piores-em-identificar-noticias-falsas/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MACHADO, E. C.; PRADO, G. M. O rap como elemento desencadeador de informação e conhecimento. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 51–60, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/v/93072>. Acesso em: 11 maio 2025.

MARTINS, R. Hip hop, arte e cultura política: expressões culturais e representações da diáspora africana. **Em Questão**, [S.l.], v. 19, n. 2, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/8644>. Acesso em 12 abr 2025.

MATSUNAGA, C. Gênero e representação no rap brasileiro: entre o palco e a vida. **Cadernos Pagu**, [S.l.], v.1, n. 31, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8642993>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MOURA, M. A.; CAMPOS, L. F.; FROTA, M. G. Ocupa Belo Horizonte: cidadania, cultura e fluxos informacionais no Duelo de MCs. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 14., 2013, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2013. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/v/184472>. Acesso em: 11 maio 2025.

NOVA CENA. [Reality Show]. **Netflix**, 2024. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81727065>. Acesso em: 12 dez. 2024.

PERROTTI, E. A mediação cultural na biblioteca escolar: presença e ação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 46, n. 2, p. 178-189, 2017. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4074>. Acesso em: 05 nov. 2024.

PERROTTI, E. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11–17. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33742/1/informacao-e-protagonismo-social-RI.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025.

PIMENTEL, E. Mulheres no Rap. **Red Bull Brasil**, 2019. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/musica-mulheres-no-rap>. Acesso em: 15 dez. 2024.

RASTELI, A.; CALDAS, R. F. Mediação cultural e bibliotecas: perspectivas conceituais na ciência da informação no Brasil. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis/SC, Brasil, v. 24, n. 54, p. 01–13, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2019v24n54p1>. Acesso em: 11 jul. 2025.

RIBEIRO, M. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Da mediação à apropriação da informação: um olhar para o usuário da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, p. 1–17, 2022. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/v/202682>. Acesso em: 11 maio 2025.

SANTANA, J. **Rap e escolaridade**: um estudo de caso com afrodescendentes na condição de liberdade assistida em Sorocaba/SP. 2005. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2005. Disponível em: <https://repositorio.uniso.br/entities/publication/6bd4d93b-889f-4cbf-a444-bcc4a948b647?> . Acesso em: 07 mar. 2025

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. O conceito de mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2014. **Anais [...]** XV Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/186195>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SANTOS, W. A. de L. **O bibliotecário como mediador cultural, a leitura literária e a biblioterapia no tratamento da depressão**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30717>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SARDENBERG, C. M. B. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. **Inc.Soc.**, Brasília, DF, v. 11, n. 2, p. 15–29, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/80459>. Acesso em 26 jun. 2025.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, **Porto Alegre**, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1991. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SILVA, B. F. Vulnerabilidade frente à desinformação mascara debilidades mais profundas. **Educamídia**, 17 jul. 2024. Disponível em:

<https://educamidia.org.br/vulnerabilidade-frente-a-desinformacao-mascara-debilidades-mais-profundas/>. Acesso em: 11 maio 2025.

SILVA, F. C. G. da; LAURINDO, K. R.; SILVA, R. A. da. Racismo na literatura científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: ANCIB, 2022. p. 1–14. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/202092>. Acesso em: 01 jun. 2025.

TANUS, G. F. Da prática à produção do conhecimento: bibliotecas e biblioteconomia pré-científica. RDBCI: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 16, n. 3, p. 254–273, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8651364>. Acesso em: 13 dez. 2024.

THIESEN, F. A mediação da informação e a revolução industrial. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [S.l.], v. 29, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufsc.br/index.php/rebci/article/view/91234>. Acesso em: 05 nov. 2024.